



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

NÁDIA MILENE ALVES PASSARINHO

Lisboa, outubro de 2012

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

NÁDIA MILENE ALVES PASSARINHO

Relatório apresentado para a obtenção do grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar sob a orientação da
Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, outubro de 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Violante Magalhães, pela disponibilidade sempre demonstrada.

Os meus agradecimentos vão ainda para os meus docentes, quer do Curso de Licenciatura em Educação Básica, quer do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação João de Deus, por tudo o que me ensinaram, estendendo-se estes agradecimentos a toda a Escola, na pessoa do seu Diretor, Professor Doutor António Ponces de Carvalho.

Um agradecimento muito especial é devido às Supervisoras de Estágio e às Educadoras das turmas onde estagiei. O apoio, as sugestões e críticas, os incentivos e ensinamentos que me transmitiram foram fundamentais para a minha formação que agora termina e recordá-los-ei no meu futuro profissional.

Naturalmente, o meu obrigada muito sensibilizado vai ainda para as crianças das turmas onde estagiei.

Pela cumplicidade que nos uniu nestes 4 anos, obrigada às minhas colegas e amigas Dina, Rosarinho e Mafalda. Pelos abraços e sorrisos partilhados, o meu obrigada à minha grande amiga Carla.

Pelo apoio, obrigada à minha família.

Ao André, que sempre esteve comigo e com quem eu sempre estarei, obrigada.

Menino

Encosta a tua cabeça de seda

No meu ombro

Contigo, sei escutar

A música mágica do Mundo.

Matilde Rosa Araújo. *In Segredos e brinquedos*

ÍNDICE GERAL

	pág.
INTRODUÇÃO	1
1. Identificação do local de estágio	4
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	5
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	6
4. Identificação do grupo de estágio	6
5. Descrição da metodologia utilizada	7
6. Pertinência do Estágio Profissional	8
7. Cronograma	10
PARTE I RELATOS DIÁRIOS	13
1. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Encarnado B)	16
2. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Azul B)	27
3. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Amarelo B)	39
4. Estágio no Jardim-de-Infância da Quinta da Alegria	45
5. Estágio no Jardim-Escola da Estrela (Bibe Amarelo A)	49
6. Estágio no Jardim-Escola da Estrela (Bibe Azul A)	56
PARTE II PLANIFICAÇÕES	71
1. Fundamentação teórica	73
2. Planificações fundamentadas	80
2.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	81
2.2. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo	85

	pág.
2.3. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática	87
PARTE III DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO	91
1. Fundamentação teórica	93
2. Dispositivos de avaliação	98
2.1. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	98
2.2. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática	104
2.3. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo	109
REFLEXÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXOS	125
Anexo 1 Proposta de trabalho para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Bibe Azul B, Olivais)	127
Anexo 2 Proposta de trabalho para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática (Bibe Azul B, Olivais)	131
Anexo 3 Proposta de trabalho para a Área de Conhecimento do Mundo (Bibe Azul A, Estrela)	135

ÍNDICE DE FIGURAS

		pág.
Figura 1	Tabela de dupla entrada	20
Figura 2	Gráfico qualitativo e percentual (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)	103
Figura 3	Gráfico qualitativo e percentual (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática)	108
Figura 4	Gráfico qualitativo e percentual (Área de Conhecimento do Mundo)	112

ÍNDICE DE QUADROS

	pág.
Quadro 1	Cronograma de estágio 11
Quadro 2	Horário do Bibe Encarnado B – Olivais 17
Quadro 3	Horário do Bibe Azul B – Olivais 28
Quadro 4	Horário do Bibe Amarelo B – Olivais 40
Quadro 5	Horário do Bibe Amarelo A – Estrela 50
Quadro 6	Horário do Bibe Azul A – Estrela 56
Quadro 7	Capacidades e Destrezas 78
Quadro 8	Valores e Atitudes 79
Quadro 9	Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 81
Quadro 10	Plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo 85
Quadro 11	Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática 87
Quadro 12	Escala de Likert 97
Quadro 13	Grelha de parâmetros, critérios e cotações (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita) 99
Quadro 14	Grelha de avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 101
Quadro 15	Grelha de parâmetros, critérios e cotações (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática) 104
Quadro 16	Grelha de avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática 106
Quadro 17	Grelha de parâmetros, critérios e cotações (Área de Conhecimento do Mundo) 109
Quadro 18	Grelha de avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo 110

INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular de Estágio Profissional I e II, foi-me solicitado a realização de um Relatório de Estágio Profissional, com o objetivo de obter o Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

No início do ano letivo de 2011/2012, inscrevi-me no Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo. No entanto, no mês de maio, tive de mudar deste Mestrado para o de Educação Pré-Escolar, uma vez que a opção que me foi apresentada (frequentar o terceiro e último semestre no horário diurno) não era uma alternativa viável, tendo em conta que sou trabalhadora-estudante. Por esse motivo, não apresento neste Relatório a descrição e fundamentação dos dias de estágio realizados no 1.º Ciclo (junto de uma turma do 4.º ano, entre março e maio, e de uma turma do 3.º ano, em maio). Esta alteração de Mestrado levou a que apenas o pudesse concluir no mês de outubro, dado que as horas de estágio que realizei no 1.º Ciclo não foram contabilizadas. Deste modo, tive de realizar essas mesmas horas, noutra jardim-escola e em turmas de Pré-Escolar.

Assim, o meu Estágio Profissional referente ao Mestrado em Educação Pré-Escolar foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais (entre outubro de 2011 e fevereiro de 2012) e no Jardim-Escola João de Deus da Estrela (entre junho de 2012 e outubro de 2012). Fiz ainda uma semana de Estágio Intensivo num Jardim de Infância da rede pública (Jardim de Infância Quinta da Alegria).

Os Jardins-Escola João de Deus dos Olivais e da Estrela fazem parte de uma rede de 52. Em conjunto com a Escola Superior de Educação João de Deus e o Museu Bibliográfico constituem a Associação dos Jardins-Escola João de Deus.

Estagiei junto de turmas de crianças de 3, 4 e 5 anos, que, na Associação, são designadas pela cor do Bibe que usam. Assim, aos 3 anos corresponde a designação de Bibe Amarelo, aos 4 de Bibe Encarnado e aos 5 de Bibe Azul. Adiante, referir-me-ei às turmas, usando esta nomenclatura.

Visto ser trabalhadora-estudante, foi-me dada a oportunidade de estagiar às sextas-feiras, das 9h00 às 17h00, sendo que as restantes horas semanais em falta (5 horas) foram todas feitas em semanas de compensação. Os relatos correspondentes a estas semanas são apresentados na Parte I, intitulada Relatos Diários, a par dos demais relatos referentes ao Bibe onde estagiei.

Nesta introdução, irei identificar os locais de estágio, descrever a estrutura do Relatório de Estágio Profissional, demonstrar a importância da elaboração do mesmo, identificar o grupo de estágio, descrever a metodologia utilizada, referir a pertinência do Estágio Profissional e apresentar o cronograma das várias atividades desenvolvidas para este Relatório e as demais atividades integrantes do Estágio Profissional I e II.

1. Identificação do local de estágio

O espaço físico do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composto por várias salas de aula, uma sala de professores, uma sala da direção, uma biblioteca, uma cantina e respetiva cozinha, uma sala de informática, um ginásio, um salão (que serve de sala de aula para as turmas do Bibe Encarnado e de refeitório à hora de almoço), um atelier de cerâmica e várias casas de banho. No exterior, existem dois recreios – um deles é destinado às crianças do Pré-Escolar e o outro aos alunos do 1.º Ciclo.

O Jardim-Escola João de Deus da Estrela situa-se em Lisboa, próximo do Jardim Guerra Junqueiro, comumente conhecido como Jardim da Estrela, e da Basílica da Estrela. Este Jardim-Escola possui uma área interior constituída por salas de aula, um salão, uma sala de professores, outra de expressões plásticas, uma biblioteca, uma cantina, um ginásio, uma sala de informática, um atelier de cerâmica, várias casas de banho e uma cozinha. No seu exterior, existem dois recreios.

Quanto ao Jardim de Infância Quinta da Alegria, que faz parte da rede pública do ensino Pré-escolar, ele situa-se em Moscavide. Trata-se de um rés-do-chão de um edifício de dois andares, no qual existem um hall, duas salas de aula, uma sala de professores, casas de banho para adultos e para crianças, uma copa e um refeitório. No exterior do edifício existe um recreio espaçoso, tendo uma parte reservada a jogos e outra a escorregas e baloiços. Neste espaço, existe ainda um edifício pequeno, de rés-do-chão, onde funciona uma biblioteca escolar.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este Relatório, para além da presente Introdução, encontra-se dividido em três Partes.

A Parte I é dedicada aos Relatos Diários – que seguem os diferentes estágios junto de turmas do Pré-escolar, no Jardim-Escola dos Olivais e no Jardim-Escola da Estrela. Como referido, visto que fiz semanas de compensação, nomeadamente junto das turmas do Bibe Encarnado, do Bibe Azul (ambas dos Olivais) e do Bibe Amarelo (da Estrela) relato essas semanas dentro do capítulo dedicado a cada Bibe.

A Parte II contém as Planificações que fiz, no âmbito do Pré-Escolar. A primeira refere-se à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e apliquei-a aquando da minha passagem pelo Bibe Amarelo, turma B, do Jardim-Escola dos Olivais. A segunda, respeitante à Área de Conhecimento do Mundo, foi feita para o Bibe Encarnado, turma B, no mesmo Jardim-Escola. A terceira diz respeito à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática realizada junto da turma A do Bibe Azul do Jardim-Escola da Estrela.

Na Parte III, expõem-se os dispositivos de avaliação utilizados para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, e para a Área de Conhecimento do Mundo. Os dois primeiros foram aplicados aos alunos da turma B do Bibe Azul do Jardim-Escola dos Olivais e o último aos alunos da turma A do Bibe Azul do Jardim-Escola da Estrela. O motivo pelo qual só apresento dispositivos de avaliação para turmas de crianças de 5 anos (Bibe Azul) prende-se com o facto de para os demais Bibes ter organizado atividades que não previam o uso de propostas de trabalho num registo escrito.

Na Reflexão Final, teço considerações quer sobre o estágio, quer sobre a experiência de realização deste Relatório; para além disso, apresento as limitações encontradas e as perspetivas profissionais e académicas que se me apresentam como mais aliciantes.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do Relatório de Estágio torna-se importante, não só porque é imprescindível para que nos seja conferido o grau de Mestre, mas também porque permite uma reflexão sobre o Estágio Profissional (designado, internamente, como Prática Pedagógica), facilitando, em simultâneo, um desenvolvimento a nível profissional.

Korthagen (2009, pp. 48-49) chama a atenção para que, ao fazer uma reflexão sobre a prática profissional, os alunos, futuros educadores/professores tornam-se “mais conscientes sobre a forma como são orientados”. Na verdade, a preparação e elaboração deste Relatório de Estágio permitiu-me relatar os meus dias de Prática Pedagógica e analisá-los, apercebendo-me da pertinência das orientações e comentários sobre a minha prática, recebidos nas reuniões de Supervisão Pedagógica. Além disso, permitiu-me aliar a prática à teoria, recolhida das referências bibliográficas trabalhadas ao longo da minha Licenciatura em Ensino Básico e do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

4. Identificação do grupo de estágio

O meu grupo de estágio foi composto por mim e por duas colegas.

Ao longo das semanas de compensação (a que acima fiz referência), realizadas no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais junto do Bibe Encarnado, turma B, e do Bibe Azul, turma B, bem como durante a minha semana de Estágio Intensivo (no Jardim de Infância Quinta da Alegria), tive uma outra colega de estágio.

No Jardim-Escola João de Deus da Estrela, não tive colega de estágio.

Esta última experiência de Estágio revelou-se bem diferente das anteriores. Como afirma Korthagen (2009, p. 51), torna-se fundamental haver uma “aprendizagem reflexiva assistida por pares”. Assim, nos dois primeiros momentos de estágio acima referidos, em que tive por parceiras, respetivamente, duas e uma colega, foram gratificantes pelo facto de, com elas, poder planear aulas, partilhar experiências e reflexões.

5. Descrição da metodologia utilizada

Para a realização do presente Relatório, a metodologia utilizada foi a investigação qualitativa, nomeadamente através da observação directa e participante. Recorri ainda à análise documental.

Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta cinco características essenciais. Uma delas prende-se com o facto de, neste tipo de investigação, o instrumento principal ser o investigador, sendo que “a fonte directa de dados é o ambiente natural” (p. 47); por outro lado, este tipo de investigação é descritiva, na medida em que “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (p. 48). Estes autores consideram ainda que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (p. 49). Os dados recolhidos tendem a ser analisados por este tipo de investigadores de um modo indutivo, pois estes “não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente” (p. 50). O facto de o significado ser de “importância vital na abordagem qualitativa” (p. 50) surge como outra das características deste tipo de investigação.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p. 164), “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação”. Ainda para estes autores:

(...) os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho. Nos outros métodos, pelo contrário, os acontecimentos, as situações ou os fenómenos estudados são reconstituídos a partir das declarações dos actores (inquérito por questionário e entrevista) ou dos vestígios deixados por aqueles que os testemunham directa ou indirectamente (análise de documentos). (p. 196)

Como todos os métodos, também este tem as suas vantagens e limites, sendo que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p. 199), “a apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem” surge como umas das principais vantagens; para estes investigadores, um dos principais limites deste método é “o problema da interpretação das observações”. De acordo com Estrela (1986, p. 32), “fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado”.

Quanto à análise documental por mim elaborada, ela consistiu numa observação atenta dos documentos fornecidos pelas Educadoras titulares dos diversos Bibes onde estagiei, tais como os relativos à caracterização da turma, os horários, a par das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.

Para a realização deste Relatório, segui as normas da APA (American Psychological Association) e consultei Azevedo (2001).

6. Pertinência do Estágio Profissional

De acordo com Campos (2001, p. 53), “a Prática Pedagógica é a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente”. Na verdade, o estágio profissional permite-nos tomar consciência do dia a dia de um jardim-escola, o que contribui, sem sombra de dúvida, para a tomada de consciência das atividades inerentes a espaços como este.

Para Alarcão, Freitas, Ponte, Alarcão e Tavares (1997), a formação de docentes deve ter “uma vertente científica, tecnológica, humanística ou artística, como prevê o ordenamento jurídico da formação de professores (Decreto-Lei 344/89)” (Alarcão *et al.*, 1997, p. 8). No que diz respeito à atividade do educador, e ainda de acordo com estes mesmos autores, esta “tem de assentar numa sólida formação cultural, pessoal e social” (p. 8). Neste sentido, a competência do professor surge através da “integração entre o saber académico, o saber prático e o saber transversal” (p. 9).

Também Canário (2001, p. 32) defende que “o mais importante na formação inicial consiste em aprender a aprender com a experiência”.

Vários foram os autores que se debruçaram sobre a problemática da formação de professores. De acordo com Cunha (2008, p. 230), Formosinho “apresentou quatro modelos ideais”. São eles, o modelo empiricista, o modelo teorcionista, o modelo compartimentado e o modelo ideal integrado. O modelo empiricista “é reprodutivo (modelos experienciados), conservador (dificulta a inovação, acentua o ritualismo e o conformismo) e inadequado à escola de massas” (p. 231). O modelo teorcionista surge por oposição ao empiricista, na medida em que considera que “todos os conhecimentos do

professor devam ser transmitidos sistemática e sequencialmente, de modo expositivo, num contexto institucional académico” (p. 231). A junção da teoria e da prática “em momentos diferentes (tempo e espaço), por instituições e pessoas diferentes” surge como a base do modelo compartimentado, por oposição ao modelo ideal integrado onde a teoria e a prática contribuem para a formação do professor “na mesma instituição, no mesmo tempo e pelas mesmas pessoas” (p. 233).

Cunha (2008) faz ainda referência à tipologia de Nóvoa, que se encontra dividida em dois modelos: estruturantes e construtivistas. No primeiro, “o professor é visto numa lógica individual e não integrado num contexto organizacional, profissional e colectivo”; os modelos construtivistas consideram o professor como “uma pessoa activa, que interage com a escola, com o grupo profissional e com pensamento curricular” (p. 234).

Ao longo da realização do Estágio Profissional I e II, para além de observar, numa média de 12 horas semanais, a prática docente em diferentes turmas, tive a oportunidade de lecionar aulas programadas assim como “aulas surpresa”. Algumas destas aulas foram assistidas apenas pela Educadora da turma e outras também por Professoras Supervisoras. Procurei aplicar o que me tinha sido transmitido nas aulas teóricas; sobretudo, sob orientação das Supervisoras de Estágio, preparei-me, de modo a conseguir responder às dúvidas e questões dos alunos e, paralelamente, preparei material de suporte para dar as aulas. As críticas e sugestões recebidas após essas minhas aulas, obrigaram-me a refletir e a tentar melhorar a minha prática.

Como várias investigações comprovam, a prática pedagógica representa um dos momentos fundamentais na formação inicial. Para Alarcão *et al.* (1997):

(...) esta formação não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de integrar uma componente prática e reflexiva. Só esta componente permite o reconhecimento dos principais caminhos a percorrer no contacto com o terreno da prática profissional e facultar experiências de formação que estimulam a mobilização e a integração dos conhecimentos e problemáticas por parte dos formandos e proporcionam o desenvolvimento da sua capacidade de compreensão do real através da observação e da intervenção. (p.8)

De facto, a continuada observação de aulas, a minha própria experimentação ao lecionar, a supervisão do meu estágio e sequentes reflexões foram decisivas nesta nova etapa da minha formação para Educadora de Infância.

7. Cronograma

No cronograma apresentado na página seguinte, encontra-se a distribuição temporal (por meses e por semanas) do meu Estágio Profissional I e II, designadamente as diversas actividades de observação de aulas, as minhas aulas programadas e “aulas surpresa”, as reuniões de Prática Pedagógica, bem como o período de tempo reservado para pesquisa, para reuniões de acompanhamento com a minha orientadora de Relatório, e na redação do presente Relatório.

PARTE I

RELATOS DIÁRIOS

Visto que nos dois Jardins-Escola onde estagiei, os alunos do Pré-Escolar partilham rotinas comuns, ainda antes de fazer os relatos diários, passo a focar essas mesmas rotinas.

Todas as manhãs, pelas 9h00, os alunos do Pré-Escolar do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, se juntam no salão da instituição, formando uma roda e cantando. No centro desta, encontram-se os alunos do Bibe Amarelo e, de seguida, os do Bibe Encarnado. No Jardim-Escola João de Deus da Estrela, tanto os alunos do Pré-Escolar como os do 1.º ciclo do Ensino Básico se juntam na roda (no recreio ou no salão, consoante as condições climatéricas). Durante este período de acolhimento, que tem a duração de cerca de meia hora, os alunos e as respetivas Educadoras, Professoras e estagiários cantam músicas infantis conhecidas pelas crianças.

O tempo dedicado ao grande grupo é extremamente relevante pois “constrói nas crianças um sentido de comunidade” (Hohmann e Weikart, 1997, p. 231). A roda, a que assistimos nestes Jardins-Escola, cumpre este objetivo. Quanto ao facto de as crianças, juntamente com Educadores e Professores cantarem músicas várias, lembre-se que, de acordo com Gordon (2000), a música:

[...] é única para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos. Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. E, o que é mais importante, através da música as crianças são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade ousada. (p. 6)

Neste sentido, e ainda para este autor, “embora as crianças, geralmente, ouçam música através dos meios de comunicação social [...] é necessário que os adultos cantem para elas, dado que isto é a forma de lhes ensinar a usar a voz cantada” (p. 10).

A aprendizagem de novas canções é de extrema importância na medida em que, de acordo com Cordeiro (2010, p. 373), tal aprendizagem “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo”.

Após o acolhimento, as crianças têm um momento de higiene e só então iniciam as aulas. A meio da manhã, os alunos têm um intervalo para brincar livremente no recreio e para comerem bolachas ou pão. Depois do almoço, os alunos de três anos (Bibe Amarelo), fazem a sesta, enquanto as restantes crianças permanecem no recreio.

Acerca da higiene, Cordeiro (2010, p. 105) realça a importância deste momento, uma vez que “a lavagem das mãos é reconhecida em casa, nos infantários e jardins-de-infância e nos estabelecimentos alimentares como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças”.

Quanto às refeições, refira-se que elas constituem um dos momentos fundamentais das rotinas no Jardim-Escola e, segundo Hohmann e Weikart (1997), transformando-se em “períodos para as crianças e os adultos apreciarem comida saudável num contexto social apoiante” (p. 232). As refeições tomadas no Jardim-Escola, servem ainda para, de acordo com Cordeiro (2010, p. 373) “para criar uma maior autonomia”, contribuindo para a socialização das crianças.

O recreio é um momento fundamental nas instituições escolares. Sobre ele, Hohmann e Weikart (1997) afirmam ser o período do dia “destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta”, na medida em que, “sem a limitação das quatro paredes, muitas crianças sentem-se à vontade para se movimentar, falar e explorar” (p. 231). Ainda para estes autores “o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais” (p. 231). Para Zabalza (1998, p. 192) o recreio “é um momento favorável para a incorporação de experiências-chave na área do movimento, do desenvolvimento dos grandes músculos”.

No que se refere à sesta das crianças mais pequenas (Bibe Amarelo), Gesell (2000, p. 195) afirma que “algumas crianças podem dormir ainda à hora da sesta mas para a maioria delas a sesta é apenas uma «sesta de brincadeira». A maior parte não revela grande entusiasmo por esta rotina”. Cordeiro (2010, p. 306) insiste que “a sesta deve ser um passo da rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores”.

Após o período de aulas da tarde, o dia escolar termina com o lanche e com a despedida.

As atividades acima mencionadas fazem parte da rotina diária no jardim-escola e são de extrema importância uma vez que, de acordo com Hohmann e Weikart (1997):

(...) a rotina diária oferece uma estrutura para os *acontecimentos do dia* – uma estrutura que define, ainda que de forma pouco restrita, a maneira como as crianças utilizam as áreas e o tipo de interações que estabelecem com os colegas e com os adultos durante períodos de tempo particulares. (p. 224)

Para estes autores, uma rotina diária sólida e consistente “não só ajuda as crianças a sentirem-se seguras, como as certifica, ao fazerem a transição de uma parte da rotina para a seguinte, que amanhã haverá de novo tempo para continuar as suas brincadeiras” (p. 443).

Zabalza (1998, p. 52) afirma que “as rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro”. No fundo, o facto de o quotidiano passar a ser algo previsível, contribui para que a criança se sinta segura.

1. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Encarnado B)

O período de estágio na turma B do Bibe Encarnado (recordo que corresponde à faixa etária dos 4 anos) decorreu entre 7 de outubro a 5 de novembro de 2011. Durante o período por mim reservado para compensação das 5 horas semanais (que não podia fazer em virtude da minha condição de trabalhadora-estudante), estive ainda com esta turma entre 13 e 17 de fevereiro de 2012.

A turma B do Bibe Encarnado é composta por 27 alunos, sendo 14 deles meninas e os restantes meninos.

A sala encontra-se no salão do Jardim-Escola e conta com quatro mesas. Existe ainda um espaço com almofadas, onde as crianças se podem sentar, uma estante com livros, assim como zonas para expor os trabalhos dos alunos e gavetas para guardar os seus materiais. Quanto às rotinas, elas são as referidas acima.

Com um horário estabelecido das 9h00 às 17h00, como se pode verificar no quadro a seguir apresentado (Quadro 2), o meu dia de estágio era à 6.ª feira, razão pela qual não pude assistir a atividades de área projeto, música e expressão dramática.

Quadro 2. Horário do Bibe Encarnado B - Olivais

HORAS	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00–9h30	Canções na roda/ acolhimento				
9h30 – 10h00	Iniciação à Mat. Dons de Froebel	Iniciação à Mat. Contagem/ material alternativo	Iniciação à Mat. Geoplano, tangram, calculadores multibásicos	Iniciação à Mat. Cuisenaire	Iniciação à Mat. Blocos Lógicos, conjuntos, seqüências, diagramas
10h00 – 10h30	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismo	Formação Cívica	Trabalho de grupo
10h30 – 11h00	Recreio	Partilha de saberes	Recreio	Ginástica	Recreio
11h00 – 11h30	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo
11h30 – 14h30	Preparação para o almoço/ almoço/ recreio livre				
14h30 – 15h00	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/ digitintas/ carimbos)	Atividades gráficas (ditados/ desenhos de série)	Descobertas dos pequenos
15h00 – 15h30	Área Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ ilustrações)	Jogos de mesa e plasticina/ modelagem		Estimulação à leitura
15h30 – 16h00	Dobragens/ entrelaçamentos/ enfiamentos/ harmónios	Atividades nos cantinhos/ jogos de tapete	Picotagem/ rasgagem/ recorte/ colagem)	Jogos tradicionais	Expressão corporal
16h00 – 16h25	Lenga-lengas, destrava-línguas e adivinhas	Expressão dramática	Música	Rimas/ poesia	Reflexão semanal
16h25 – 16h45	Lanche				
16h45 – 17h00	Despedida				

Passo agora ao relato pormenorizado dos meus dias de estágio na turma do Bibe Encarnado B.

7 de outubro de 2011

Este dia de aulas teve início com uma abordagem ao Domínio da Matemática através do material Cuisenaire. As crianças sentaram-se por mesas, mediante indicações da Educadora (mesa 1, 2, 3, 4). Este material foi abordado até à peça amarela (5 unidades). A Educadora batia palmas (até 5) e pedia para que os alunos (primeiro os meninos e depois as meninas) retirassem a peça correspondente ao número de palmas.

Na hora respeitante ao Trabalho de Grupo, houve aula de cerâmica. Os alunos tiveram a possibilidade de trabalhar com barro, divididos por três grupos. Enquanto esta atividade decorria, as restantes crianças encontravam-se no recreio. Depois, a Educadora leu o livro intitulado *A Vila Molesa* e, no final, colocou perguntas simples sobre o mesmo a algumas crianças.

Depois do almoço, os alunos viram um filme. Para celebrar o Dia dos Castelos, as Educadoras de ambas as turmas do Bibe Encarnado realizaram uma pequena dramatização (uma Educadora representava o papel de rei e outra o de rainha) e mostraram imagens de vários castelos, através de uma apresentação em powerpoint. Por fim, realizaram uma ficha de grafismo. Tive ainda oportunidade de ler uma história às crianças que me foi entregue pela Educadora.

Fundamentação teórica e inferências

Com a intenção de trabalhar a compreensão da noção de número, a Educadora da turma utilizou o material **Cuisenaire**. Este é um material estruturado, composto por uma caixa de madeira com 241 barras ou peças coloridas. Estas peças “são prismas quadrangulares com dez cores e dez comprimentos diferentes” (Caldeira, 2009, p. 128) e o seu comprimento vai desde 1cm a 10cm. Como refere a mesma autora, a peça mais pequena, de cor branca, “é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. A peça branca vale uma unidade. Esta peça tem face quadrada com 1cm^2 de área”.

Para Alsina (2004, p. 34), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental”. Apesar de este material permitir ao educador realizar demonstrações de conteúdos matemáticos, “não será demais lembrar que ele foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos” (Caldeira, 2009, pp. 126 e 127). Refira-se ainda que, de acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, a utilização deste material estruturado permite desenvolver noções matemáticas relacionadas “com a concretização de quantidades e de operações matemáticas” (Ministério da Educação, 1997, p. 76).

A Educadora da turma utilizou este material matemático para introduzir o sentido do número o que, como é indicado por Caldeira (2009, p. 126), surge como uma das aprendizagens proporcionadas por este material.

Apenas não me pareceu razoável que, quando solicitava uma resposta, a Educadora dividisse a turma por género; bastaria, penso, chamá-los por mesa. Isto porque a educação não deve ser sexista. Existem inúmeras formas de dividir a turma por grupos que não envolvam a separação por género, contribuindo para a não existência de comportamentos sexistas entre os mais novos.

São muitos os investigadores que defendem o papel do educador como fundamental para fomentar nas crianças o conceito de igualdade de género, nomeadamente partindo de situações do quotidiano em que as diferenças de género são mais acentuadas. Cabe ao educador mostrar aos seus alunos que não existem valores e tarefas especificamente masculinos ou femininos, levando-se, inclusive, as crianças “a questionar algumas ideias estereotipadas relativamente à relação de homens e mulheres” (Cardona, 2009, p. 106).

14 de outubro de 2011

Neste dia, a Educadora sentou a turma numa roda e desenhou a giz, no chão, uma tabela de dupla entrada, idêntica à figura a seguir apresentada.




			
1			
2			

Figura 1. Tabela de dupla entrada

Fez, então, algumas atividades, como, por exemplo, dar uma peça colorida (ou duas) que um aluno tinha de ir colocar no(s) quadrado(s) correspondente(s). Depois de a tabela estar quase preenchida, perguntava qual a peça que faltava. Após aquele exercício, fez, oralmente, contagem crescente e decrescente – do 1 ao 5 e do 5 ao 1; do 1 ao 10 e do 10 ao 1. Depois desta atividade, as crianças assinalaram a sua presença no quadro das presenças.

Após o intervalo, a Educadora sentou as crianças numa roda e abordou o tema dos sentidos, em especial o da audição. Para isso, recorreu a instrumentos musicais e a uma venda. Tapava os olhos a algumas crianças, tocava um instrumento (castanholas, ferrinhos, pandeireta) e estas tinham que o identificar.

Depois do almoço, as crianças estiveram no recreio e viram um filme de desenhos animados. A turma fez uma ficha que consistiu em pintar um cubo. Após um pequeno intervalo para correrem um pouco, os alunos de ambas as turmas realizaram uma atividade com tintas – pintaram os ecopontos.

Inferências

Notei que, quando a Educadora estava a trabalhar a **tabela de dupla entrada**, como as crianças estavam em roda, as que estavam na parte superior à tabela viam-na invertida – o que talvez explique que foram estes alunos aqueles que não conseguiram, face à ordem “põe a peça na 1.ª linha”, colocá-la no sítio certo.

21 de outubro de 2011

A Educadora planeou dedicar a manhã à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática, nomeadamente através do 3.º Dom de Froebel. No entanto, logo

após o início da aula, nós, estagiárias, fomos assistir a aulas surpresa. Assim, assisti a uma aula no Domínio da Matemática com o 3.º e 4.º Dons de Froebel, no 1.º ano, e a uma aula de Língua Portuguesa no 2.º ano. Depois, seguiu-se a habitual reunião com as professoras Cooperantes e com as Supervisoras da Prática Pedagógica.

Após o almoço e o recreio, os alunos assistiram a um filme de desenhos animados. Depois, os alunos de ambas as turmas do Bibe Encarnado foram até à zona de recreio onde foram sentados em roda. As Educadoras abordaram o tema da reciclagem, recorrendo aos ecopontos que os alunos tinham pintado na 6.ª feira anterior. Assim, as Educadoras espalharam previamente lixo pelo chão, que foi recolhido pelas crianças e colocado no respetivo ecoponto (amarelo, verde, azul e encarnado). A consolidação foi feita com uma proposta de trabalho onde as crianças teriam de ligar imagens de lixo ao respetivo ecoponto.

Como a Educadora saiu mais cedo, depois de os alunos irem preencher as presenças no respetivo quadro, li-lhes um livro, trazido por um dos alunos e intitulado *Dora e a irmã mais nova*. A professora de apoio cantou músicas com as crianças (por sugestão destas, as cantigas que habitualmente cantam na roda, de manhã) e disse algumas lengalengas (por exemplo, “Lagarto pintado”).

Fundamentação teórica e inferências

Criar rotinas é fundamental, na medida em que “o próprio elemento repetitivo é inerente à securização. Saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e a tranquilizar” (Cordeiro, 2010, p. 286). A rotina diária de **assinalar presenças**, que consiste no desenho da letra P (presença) num placar destinado para esse fim, permite que a criança identifique o seu nome, assim como o dia do mês em que se encontra. Deste modo, esta atividade está de acordo com as indicações mencionadas nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, na medida em que “as referências temporais são securizantes para a crianças e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro; contexto diário, semanal, mensal, anual” (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

Para Cordeiro (2010, p. 371), “uma vez no jardim-de-infância, ajuda a fazer o corte com o «espaço-casa» se a criança sentir que está num outro grupo de pertença, com o qual tem laços fortes e contínuos”. Assim, a instituição do mapa de presenças contribui

para a sensação de pertença por parte da criança ao mesmo tempo que permite, também segundo Cordeiro, “começar a adquirir noções matemáticas (quantos são, quantos faltam), introdução à leitura através do reconhecimento das letras, organização temporal, observação [...] e a linguagem pela verbalização consequente” (p. 371).

A identificação do próprio nome é um dos pontos de especial importância, uma vez que, nestas idades, “há que valorizar algumas atividades eminentemente pedagógicas, como a iniciação à leitura e à escrita” (Cordeiro, 2010, p. 375). Este autor considera relevante a existência de um cartão para cada criança, sendo que cada uma delas nele encontra o seu “nome escrito em letras maiúsculas e minúsculas”. Esta é uma das práticas presentes nesta turma.

28 de outubro de 2011

Não fui ao estágio profissional por me encontrar doente.

4 de novembro de 2011

Neste dia, dei a aula da manhã. Escolhi como local, aquele onde se forma a roda no momento do acolhimento das crianças. Comecei com a apresentação de uma música intitulada “Bichinho de Conta”, com o auxílio de gestos. Utilizei então a imagem desenhada em papel de um bicho-de-conta, com a qual aproveitei para abordar a questão das regras de comportamento a seguirem durante a minha aula. O bicho-de-conta teve como função ajudar-me a ver quem foram os alunos que cumpriram ou não tais regras.

Após ter dado a conhecer a música, dediquei-me à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Fiz a leitura do livro *Se eu fosse muito magrinho*, de António Mota. Ao mesmo tempo que realizava a leitura introduzi alguns gestos, apelando à expressão corporal dos alunos.

Após o intervalo, tive ainda a oportunidade de abordar a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática. Utilizei instrumentos musicais feitos de material reciclado, assim como uma caixa e um quadro. Abordei o tema da lateralização (esquerda e direita) e a estruturação espacial (em cima, em baixo, à frente, atrás, dentro e fora).

Com o quadro da sala fui apresentando conceitos como canto superior direito, canto superior esquerdo, canto inferior direito e canto inferior esquerdo. Terminei a minha aula com um jogo que consistia em pedir a uma criança que fechasse os olhos e a outra que, tapada com um pano, se deitasse no centro da roda. A primeira criança teria de adivinhar quem estaria escondido (por vezes foi necessário mostrar alguma parte do corpo para ajudar os alunos).

A parte da tarde foi dedicada à visualização de um filme e à realização de dobragens com os alunos sentados nos seus lugares. As dobragens efetuadas foram a da porta e das janelas que teriam de ser coladas pelos alunos em folhas A3 e posteriormente coloridas a seu gosto. Para finalizar, foram ainda colocadas bolinhas feitas em plasticina na maçaneta da porta e em ambas as janelas.

Fundamentação teórica e inferências

A minha aula da Área de Conhecimento do Mundo será comentada na Parte II – Planificações.

Quanto à aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – que, no âmbito das turmas do Bibe Amarelo e do Encarnado se designa, nos Jardins-Escola João de Deus, como **Estimulação à Leitura** –, optei por ler às crianças *Se eu fosse muito magrinho*, de António Mota.

Em 2004, este volume recebeu o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para crianças e jovens. *Se eu fosse muito magrinho*. O seu autor, António Mota, nascido em Vilarelho no distrito do Porto em 1957, é professor do Ensino Básico e escritor de literatura portuguesa para crianças. Em 1990, António Mota recebera já o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, graças à sua obra *Pedro Alecrim*. Para Magalhães (2008, p. 71), é considerado um dos autores canónicos a dar às crianças de jardim de infância.

De acordo com Veloso (2001, p. 28), a Hora do Conto “trata-se de um momento cuja magia resulta de uma série de factores de que relevam o contexto, a disposição relativa dos intervenientes e as modelações da voz do leitor/contador”. Por isso apelei à expressão corporal por parte dos alunos. Entendo que a forma de contar histórias vale muito pela entoação de voz e pelos gestos com que a acompanhamos.

Do ponto de vista da expressão dramática, ao solicitar aos alunos que acompanhassem a história com gestos, procurei “facilita[r] a emergência de outras situações de expressão e comunicação que incluem diferentes formas de mimar e dramatizar vivências e experiências das crianças” (Ministério da Educação, 1997, p. 60).

Semana de compensação no Bibe Encarnado B

13 de fevereiro de 2012

A banda “Os Corvos” esteve no Jardim-Escola dos Olivais a tocar um repertório musical dedicado às crianças.

Neste dia, os alunos de ambas as turmas do Bibe Encarnado fizeram, com a ajuda das Educadoras, massa de sal e cada um deles utilizou a massa para fazer uma lembrança para oferecer aos pais.

14 de fevereiro de 2012

A minha colega de estágio deu uma aula recorrendo à utilização de uma tabela de dupla entrada e dos Blocos Lógicos. O objetivo da aula consistiu em preencher a tabela de acordo com as indicações dadas.

Da parte da tarde, os alunos pintaram a lembrança de massa de sal que fizeram no dia anterior. Utilizando pequenos pedaços de palhinhas, as crianças realizaram enfiamentos em fio de pescador e construíram um fio com um coração de papel onde tinham feito um desenho.

Fundamentação teórica e inferências

De acordo com Zoltan Paul Dienes, matemático húngaro, os **Blocos Lógicos** foram criados por William Hull e “o seu êxito no ensino infantil e básico tem sido tão grande que hoje o seu uso é inseparável daquilo a que se tem chamado matemática moderna” (Caldeira, 2009, p. 363).

Os Blocos Lógicos apresentam quatro qualidades distintas: a cor, o tamanho, a forma e a espessura. Para Caldeira (2009, p. 366), “cada peça possui, assim, quatro atributos e todas as peças diferem pelo menos num atributo”. Deste modo, as peças deste material matemático podem ser de três cores (amarelas, encarnadas e azuis) e ter duas espessuras distintas (grossa e fina). Relativamente à forma das peças, podemos encontrar peças de forma triangular, quadrangular, retangular e circular. Neste sentido, e de acordo com Moreira e Oliveira (2004, p. 99), “os blocos lógicos podem também ajudar os alunos a classificar formas o que em geometria implica conhecer as figuras geométricas e suas propriedades”.

Para a concretização da atividade proposta pela minha colega de estágio, ela optou por desenhar a tabela em ponto grande no quadro da sala. Nele, através das suas indicações, algumas crianças tiveram a oportunidade de colocar as peças dos Blocos Lógicos correspondentes. As indicações dadas variavam, pois, em alguns casos, tendo em conta uma determinada peça, as crianças teriam de apurar os seus atributos, e noutros, observando a tabela, teriam de descobrir qual o bloco correto a colocar numa determinada célula da tabela.

A proposta de trabalho da minha colega está de acordo com o defendido por Caldeira (2009, p. 381), pois podem existir dois tipos de abordagem partindo da utilização deste tipo de tabelas, são elas “dado o bloco, descobrir os atributos” ou “dados os atributos, descobrir o bloco correspondente”.

15 de fevereiro de 2012

Neste dia realizaram-se Provas de Aptidão da Prática Pedagógica de estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Eu e a minha colega de estágio tivemos a oportunidade de assistir a três delas. Uma tinha como tema os peixes ósseos e os cartilagíneos, outra era sobre o gesso e a última sobre *Os Lusíadas*.

16 de fevereiro de 2012

A Educadora sugeriu-me que desse uma aula sobre o 3.º Dom de Froebel. Optei por realizar algumas construções: o muro alto, o muro baixo, o comboio, a cama e o cadeirão.

Da parte da tarde, as crianças pintaram, com canetas de filtro, uma imagem de um palhaço. Paralelamente, construíram um harmónio simples que foi posteriormente colado no desenho do palhaço.

O dia ficou ainda marcado pela aula de música.

Fundamentação teórica e inferências

Friedrich Froebel criou um conjunto de materiais conhecidos por “Dons”. De acordo com Caldeira (2009, p. 241), estes materiais “são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seu mais íntimos pensamentos e ideias”.

O **3.º Dom de Froebel** é composto por uma caixa de madeira que contém 8 cubos. Para ser utilizado, é necessário ter em conta alguns procedimentos para um correto manuseamento do material. Um deles prende-se com o facto de todos os cubos terem de ser utilizados aquando da realização de uma construção. De acordo com Caldeira (2009), existem três procedimentos a utilizar no manuseamento deste material. São eles: o “conhecimento e representação da construção”, o “conhecimento, representação e exploração de noções matemáticas” e o “conhecimento. Representação, exploração de noções matemáticas e desenvolvimento verbal” (p. 248).

Associada à utilização deste material matemático, está a postura da criança. Esta terá de estar sentada com as costas direitas e terá de utilizar ambas as mãos. Para além disto, deverá utilizar os dedos indicadores e polegares em forma de pinça, o que contribui para o treino da correta utilização do lápis. A construção deverá ser realizada da esquerda para a direita, o que contribui para a aprendizagem da leitura que se realiza, igualmente, da esquerda para a direita. Outra das regras ao utilizarmos este material prende-se com o facto de as construções não se destruírem, ou seja, cada construção dá origem a uma nova através da mudança de peças de lugar.

Uma vez que este material é composto por cubos que se encontram dentro de uma caixa, existem igualmente regras na sua abertura, arrumação e fecho. Segundo Caldeira (2009, p. 249), para abrir a caixa “entreabre-se um pouco a tampa; vira-se a caixa; retira-se o resto da tampa e tira-se a caixa”; para a arrumar “coloca-se a tampa dentro da caixa na diagonal; arruma-se no centro ou à direita da mesa” e para a fechar “colocam-se 4 cubos na tampa, por cima os restantes. Enfia-se a caixa, de cima para baixo e vira-se, fechando-a com a tampa”.

No início da aula, procurei seguir estes procedimentos. Com as crianças bem sentadas, depois de falar com elas sobre este material, lembrei algumas regras de utilização e fui expondo o material.

De acordo com Caldeira (2009, p. 258), “podemos também, utilizar histórias, para trabalhar com os dons”. Deste modo, optei por criar uma história, onde as construções (o muro alto, o muro baixo, o comboio, a cama e o cadeirão) iam surgindo.

Como aspeto menos positivo desta aula foi-me apontado pela Educadora que fiz demasiadas construções para as crianças daquela idade.

17 de fevereiro de 2012

Este dia foi dedicado aos festejos do Carnaval. As crianças mascaram-se e foi um fotógrafo ao Jardim-Escola tirar-lhes fotografias.

2. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Azul B)

O período de estágio na turma do Bibe Azul B (faixa etária dos 5 anos) decorreu entre 11 de novembro e 16 de dezembro de 2011. Junto desta turma fiz ainda uma semana de compensação (entre 9 e 12 de janeiro de 2012).

A turma B do Bibe Azul é composta por 30 alunos, sendo 19 deles do sexo feminino e 11 do sexo masculino. 28 crianças têm cinco anos e 2 têm já seis anos.

A sala possui mesas individuais para cada uma das crianças, quadros e armários com gavetas para armazenamento. Existem também placares para expor os trabalhos dos alunos.

De seguida, transcreve-se o horário desta turma (Quadro 3).

Quadro 3. Horário do Bibe Azul B - Olivais

HORAS	2. ^a feira	3. ^a feira	4. ^a feira	5. ^a feira	6. ^a feira
9h00–10h15	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita
10h15 – 10h45	Intervalo				
10h45 – 11h50	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita	Educação pelo Movimento	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita
			Iniciação à leitura e à escrita		
12h00 – 14h00	Almoço e recreio				
14h00 – 15h00	Escrita e leitura	Inglês	Jogos matemáticos Cidadania	Escrita e leitura	Educação pelo Movimento
15h00 – 15h30	Ditados gráficos Desenho Dobragens Entrelaçamentos	Conhecimento do mundo - dinamização do tema	Área projeto	Conhecimento do mundo - dinamização do tema	Computadores
16h30	Lanche e saída				

Passo a apresentar o relato dos meus dias de estágio na turma do Bibe Azul B e respetivas fundamentações teóricas e inferências.

11 de novembro de 2011

O início do dia foi dedicado à dinamização da *Cartilha Maternal* com o grupo. A Educadora tinha consigo imagens em papel, plastificadas, de três animais (ave, baleia e

polvo) e de dois objectos (viola e bola). Escreveu no quadro as palavras: “ave, viola, bola, baleia e polvo” e pediu a alguns alunos que as lessem, após o que teriam de colocar, em baixo das palavras, a respetiva imagem. A Educadora leu uma das palavras, evidenciando as sílabas com palmas, e questionou os alunos sobre o número de sílabas da mesma. Pediu a um aluno que sublinhasse, com um giz de cor diferente, o ditongo “ei.” No quadro, encontrava-se ainda a imagem de uma uva e a Educadora pediu a uma criança que fosse escrever a palavra por baixo da imagem.

A manhã foi ainda dedicada a uma visita de estudo ao Museu Calouste Gulbenkian. A turma foi dividida em dois grupos, acompanhados por uma guia que, depois de uma curta exposição sobre o fundador do museu e as regras a cumprir no local, mostrou às crianças algumas obras de arte (um banco, uma tapeçaria e um quadro) falando sobre cada uma delas.

Depois do almoço, os alunos tiveram aula de Computadores, após o que se dirigiram ao Ginásio para ter Educação Física.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo Almeida (1998, p. 19), as **visitas de estudo** “têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem”. A escolha dos locais a visitar pode e deve ser variada, “como por exemplo parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos, museus” (p. 51). A visita efetuada neste dia ao Museu Calouste Gulbenkian pareceu ser muito do agrado das crianças.

18 de novembro de 2011

Ao início da manhã, os alunos terminaram fichas de matemática (que continham exercícios como, por exemplo, $10 = 5+5$; $3+7$, maior e mais pequeno) e de *Cartilha* (ler a palavra a escrevê-la).

A manhã ficou ainda marcada pela exploração de um material matemático intitulado *Pattern Blocks*, composto por hexágonos, quadrados, triângulos, losangos e trapézios verdes, azuis, encarnados, amarelos e “café com leite” (na expressão da

Educadora), material este que serve para fazer construções. Possíveis questões e directivas a serem colocadas e dadas: “De quantos trapézios precisamos para fazer um hexágono? Então, vamos construir”. Os alunos, sentados à mesa de cada um, fizeram todos eles a construção, e a Educadora colou as peças no quadro. Ia acompanhando com explicações do tipo: “Se para fazer um hexágono são precisos seis triângulos, de quantos triângulos precisamos para fazer um trapézio? 3” ou “Qual destas duas figuras tem mais peças? Quantas peças faltam ao primeiro hexágono para ter as mesmas peças que o segundo?” Propôs ainda a seguinte atividade: “Podem construir o que quiserem, mas só podem usar 1 dezena de peças”. No final, a Educadora dialogou com as crianças sobre o que estas tinham feito, e sobre quais as peças utilizadas.

De seguida, os alunos foram fazer barro, atividade à qual se seguiu o intervalo.

Depois do almoço, as crianças ensaiaram para a peça de Natal e alguns alunos foram chamados à *Cartilha*, enquanto outros acabavam trabalhos pendentes (pictagem de imagens de castanhas e letras). Durante meia hora estive a substituir a professora da outra turma que teve de sair de urgência.

Fundamentação teórica e inferências

De acordo com as *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “o corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo” (Ministério da Educação, 1997, p. 58). Aquando da entrada da criança para a educação pré-escolar, esta já possui aquisições do ponto de vista motor, tais como “manipular objetos de forma mais ou menos precisa”. Assim, “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina” (p. 58). Do ponto de vista da **motricidade fina**, o Jardim de Infância deverá oferecer às crianças a possibilidade de, entre outras, manipular barro e fazer construções com este material. Nesse sentido, é gratificante vê-las nestas aulas de barro a desenvolverem este aspeto fundamental.

25 de novembro de 2011

O dia teve início com uma aula dada por mim, sobre *O Natal*. Comecei por projectar imagens de uma história infantil intitulada *Eu sei tudo sobre o Natal*, de Aurélie Blanz, e, no fim, apresentei uma estratégia de dinamização da *Cartilha Maternal* de João de Deus, através de uma expressão colada no quadro (“A bola do Ivo”). Após as perguntas habituais para levar os alunos a ler a expressão, todos tiveram de construí-la, no lugar, com letras recortadas que, posteriormente, foram coladas numa folha. Por fim, os alunos ilustraram a expressão com um desenho.

Seguiu-se a exploração de uma das imagens da história *Eu sei tudo sobre o Natal* com base na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática. Projetei um pictograma, onde poderíamos encontrar o número de presentes embrulhados pelo Pai Natal ao longo de uma semana. Os alunos tinham uma proposta de trabalho com o pictograma e com perguntas.

Após o intervalo, falei um pouco sobre as tradições do Natal e as crianças tiveram que seleccionar, numa ficha que lhes entreguei, as imagens correspondentes às tradições do Natal e pintá-las.

Depois do almoço, um estagiário deu uma aula sobre os vulcões. Através de imagens projetadas, levou as crianças a adivinhar o tema da aula. Apresentou a constituição do vulcão, deu a sua definição e falou sobre o material que sai do vulcão, assim como do arrefecimento da lava. Mostrou ainda um vídeo sobre um vulcão em erupção e realizou uma experiência que recriava a erupção de um vulcão. No fim, recorreu ao *Google Earths* para mostrar imagens de um vulcão nas Filipinas e nos Açores.

Mais tarde, os alunos tiveram aula de Educação Física e outra de Computadores. Enquanto isso, eu fiquei a arrumar trabalhos. Quando os alunos regressaram, ofereci-lhes um doce de Natal.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo a Educadora da turma, o balanço geral da minha aula foi positivo, muito embora existam alguns aspetos a melhorar em futuras aulas. Assim, no que respeita ao momento dedicado à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Educadora referiu que teria sido mais interessante se, ao invés

dos alunos terem construído a frase que se encontrava colada no quadro antes de saberem o que nela estava escrito, tivessem primeiramente realizado a sua leitura. No entanto, a minha leitura da história, auxiliada pela projeção de imagens para a tela, contribuiu para captar a atenção das crianças que, segundo a Educadora, “pareciam querer entrar dentro” das imagens que estavam a ser projetadas. Foi ainda salientado a importância da realização de inflexões de voz que fiz, à medida que a história ia sendo apresentada.

No que diz respeito à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, a Educadora considerou interessante a utilização de um **pictograma**, o qual, segundo me disse, achou bastante apelativo. Segundo Grosso e Ruas (2000, p. 38) “dá-se o nome de pictograma a um gráfico semelhante ao gráfico de barras, mas que utilizam imagens alusivas ao estudo que está a ser feito”. Para estes autores, trata-se de um gráfico que, embora “pouco rigoroso [...] facilita a apresentação da informação e é em geral graficamente atraente”. Ora, estas características atraem a atenção da criança, principalmente quando cada uma também tem o seu próprio gráfico, como aconteceu nesta aula.

Na Área de Conhecimento do Mundo, de acordo com a Educadora, as tradições de Natal poderiam ter sido mais aprofundadas.

2 de dezembro de 2011

Ao longo deste dia, as duas turmas (A e B) do Bibe Azul estiveram juntas com a Educadora da turma B. A manhã foi dedicada à pintura, com lápis de cor, de um desenho sobre o Natal. Nós, estagiárias, ajudámos as crianças a queimar o lápis de cera branco para pintar parte do desenho. Ajudámos ainda nos preparativos para a festa de Natal, nomeadamente através da realização de umas pulseiras feitas com fita de embrulho e elástico.

Houve ainda aula de Música, durante a qual as crianças ensaiaram para a festa de Natal. Após a aula, os alunos estiveram no recreio a brincar.

Fundamentação teórica e inferências

As pinturas sobre o Natal feitas hoje pelas crianças, com diferentes materiais, são propiciadoras de uma aproximação à **Expressão Plástica**, tão necessária de desenvolver nestas idades.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “o desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação pré-escolar” (Ministério da Educação, 1997, p. 61).

Por outro lado, saliente-se que a **Expressão Musical** “é uma forma de saber que articula imaginação, razão e emoção” (Amaral, 2004, p. 48), complementando-se, assim, a formação da criança.

9 de dezembro de 2011

Neste dia, fizeram-se preparativos para a festa de Natal.

16 de dezembro de 2011

As crianças iniciaram o dia cantando as habituais canções na roda. Após este momento, as Educadoras sugeriram que os estagiários realizassem, em grupo, uma apresentação para os alunos. Enquanto os estagiários do Pré-Escolar treinavam em conjunto, as minhas duas colegas de estágio e eu fomos para a sala de aula. Uma das minhas colegas de estágio deu aula surpresa de *Cartilha* e eu de Matemática.

A Educadora da turma deu a uma das minhas colegas de estágio algumas palavras impressas, tais como “batata” e solicitou-lhe que realizasse a leitura preparatória com os alunos.

Após este momento, foi a minha vez de dar aula de Matemática, tendo em conta que teria de fazer contagens e exercícios de cálculo mental com os alunos. Para tal, a Educadora deu-me material não estruturado que consistia em imagens impressas e

plastificadas de pessoas, uma casa, vários animais (ovelha, cão, gato, vaca), carros, motos, árvores e flores. Optei por construir uma história que envolvia as imagens disponibilizadas pela Educadora, levando assim as crianças e efectuarem pequenos cálculos mentais e exercícios de contagem. Realizei também situações problemáticas envolvendo “dados desnecessários” (como são designados pelas Educadoras) ou seja, um elemento intruso.

À tarde os alunos viram o filme *A Pequena Sereia* e fizeram um desenho livre com lápis de cera. A Educadora solicitou a alguns alunos que contassem até 100.

Inferências

Quanto à minha aula surpresa, como aspeto positivo, a Educadora salientou o meu à vontade e a minha capacidade de improviso na construção de toda a aula. De acordo com a Educadora, o ponto negativo prendeu-se com a não utilização do quadro, para que os alunos realizassem cálculos mais elaborados.

Semana de compensação no Bibe Azul B

9 de janeiro de 2012

O tema “As plantas”, nomeadamente a constituição e crescimento das plantas, foi o escolhido por uma aluna estagiária para ser abordado ao longo da manhã deste dia.

No Domínio da Matemática, a colega realizou, com os alunos, uma ficha de trabalho, cujo objetivo era pintar um determinado percurso, de acordo com as cores das peças do Cuisenaire.

O recreio foi o local escolhido para realizar um jogo: as crianças teriam que se colocar em determinadas posições e, de acordo com as indicações dadas, avançar ou recuar e mudar de direção.

A estagiária contou ainda, através de imagens colocadas no quadro (para que todos pudessem vê-las), a história de uma sementinha e recorreu a algumas palavras impressas que teriam de ser lidas pelas crianças. Enquanto dois alunos foram chamados

à *Cartilha Maternal*, de João de Deus, para a “Lição do Jegue”, os outros realizaram um desenho sobre a história da sementinha.

Da parte da tarde, os alunos tiveram aula de Inglês.

Fundamentação teórica e inferências

O material matemático Cuisenaire pode ser utilizado para ajudar as crianças no desenvolvimento da sua **estruturação espacial**, na medida em que “a compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o mundo, que é intrinsecamente geométrico” (Caldeira, 2009, p. 173).

A proposta de trabalho realizada pela aluna estagiária permitiu que as crianças comparassem as peças deste material, colocadas em diferentes posições, contribuindo assim para desenvolver o seu sentido espacial. De acordo com Caldeira (2009, p. 173), “a descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão”.

10 de janeiro de 2012

A Educadora começou por fazer a habitual revisão da *Cartilha* para toda a turma. Ao mesmo tempo que ia escrevendo letras no quadro, os alunos iam dizendo, em coro, as regras já aprendidas. Enquanto alguns alunos foram em pequenos grupos à *Cartilha*, os restantes realizaram propostas de trabalho para treino da escrita.

Após o intervalo, o tempo foi dedicado à aula de Matemática. Foram trabalhados o 3.º e o 4.º Dons de Froebel, nomeadamente a construção da mobília de sala, de quarto e da camioneta.

Da parte da tarde, a Educadora abordou o tema das plantas, nomeadamente a sua constituição e utilidade.

Depois, enquanto alguns alunos realizavam propostas de trabalho de matemática, outros foram chamados à *Cartilha*.

Fundamentação teórica e inferências

À semelhança do 3.º Dom, o 4.º Dom de Froebel é também ele constituído por uma caixa de madeira em forma de cubo, mas dentro dela encontram-se 8 paralelepípedos. As construções permitidas por este material “requerem da criança, maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior «ginástica» mental” (Caldeira, 2009, p. 260).

Ainda de acordo com Caldeira (2009, p. 267), o **3.º e 4.º Dons de Froebel** permitem desenvolver o vocabulário, a linguagem e a criatividade, para além da lateralização e da motricidade fina. Este material possibilita o desenvolvimento corporal da criança e da sua noção de equilíbrio e ordem. Paralelamente, facilita a aquisição de hábitos e introduz noções básicas no âmbito da matemática, tais como quantidade e formas geométricas. Do ponto de vista das capacidades e destrezas, este material matemático, desenvolve a memória e a coordenação óculo-manual.

No início da aula, a Educadora começou por solicitar aos alunos que estes referissem as principais características do material (cubos e caixa). Optou por realizar com os alunos três construções e conduziu as crianças a resolver situações problemáticas. Assim, a Educadora da turma baseou-se no “conhecimento, representação e exploração de noções matemáticas” (Caldeira, 2009, p. 248), uma vez que para além das construções realizadas trabalhou a noção de adição, subtração e divisão.

11 de janeiro de 2012

Da parte da manhã, a Educadora utilizou o Cuisenaire para abordar o conceito de dobro. Após o intervalo, os alunos tiveram aula de Educação Física, onde percorreram um circuito com bolas, bancos, pinos e túnel. Antes do almoço, alguns alunos foram chamados à *Cartilha*.

Da parte da tarde, a Educadora ensinou às crianças as vogais maiúsculas, por comparação com as minúsculas. Depois, realizaram propostas de trabalho para exercitar a escrita das mesmas.

Fundamentação teórica e inferências

O método de leitura pela ***Cartilha Maternal*** foi criado pelo reconhecido poeta João de Deus, nascido a 8 de março de 1830, em São Bartolomeu de Messines. Inicialmente desenvolvido para ensinar os adultos, viria a ser posteriormente aplicado ao ensino de crianças.

Nos Jardins-Escola pertencentes à Associação de Jardins-Escola João de Deus, é este o método de ensino de leitura aplicado aos alunos de cinco anos de idade, ou seja, no chamado Bibe Azul.

Segundo Ruivo (2006), as principais linhas de força que caracterizam este método prendem-se com o facto de este método ser considerado interacionista, de estimular as capacidades metacognitivas, respeitar o ritmo individual de cada criança e fomentar a sua autocorreção. Paralelamente, com este método, o exercício de leitura é dinâmico, interativo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança, dando a noção de que a palavra é o elemento principal do discurso.

12 de janeiro de 2012

Da parte da manhã, enquanto alguns alunos realizavam exercícios de escrita, outros foram chamados à *Cartilha*, mais especificamente à “Lição do Pedro”.

Durante a aula de Expressão Musical, o professor contou-lhes uma história intitulada “A menina de pedra”, recorrendo a música.

Após o almoço e intervalo, os alunos realizaram a dobragem da jarra (origami) e colaram-na numa folha onde posteriormente realizaram um desenho.

Para além desta proposta de trabalho, as crianças realizaram também, fichas de *Cartilha*.

Fundamentação teórica e inferências

A realização de atividades com **origami** são fundamentais em turmas de pré-escolar uma vez que, de acordo com Moreira e Oliveira (2004, p. 115), “permitem desenvolver a coordenação visual motora para além de proporcionarem a concentração e

a atenção das crianças. Também podem levar ao desenvolvimento de outras capacidades como a discriminação visual e a composição e decomposição de figuras”. Ainda para estas autoras, “os jogos e, em especial com materiais manipuláveis, podem ser um importante veículo para trabalhar aspectos relativos à iniciação matemática no jardim de infância” (p. 116).

Durante a realização das dobragens, apesar do entusiasmo das crianças, foi necessário ajudá-las nesta tarefa.

19 de janeiro de 2012

Alguns alunos foram chamados à *Cartilha*, enquanto outros realizaram propostas de trabalho para exercitar a escrita. Os Calculadores Multibásicos foram o material escolhido para abordar o Domínio da Matemática neste dia. Assim, os alunos jogaram ao “jogo das bases” e representaram na placa algarismos indicados pela Educadora.

As crianças tiveram ainda a possibilidade de assistir a uma apresentação intitulada “Planeta Curioso”, onde se falou do sol, da lua, de estrelas e do nosso planeta. Esta apresentação contou com a utilização de projeções com bastante cor que prenderam a atenção dos alunos.

Da parte da tarde a Educadora abordou o tema dos frutos e dos legumes, sendo que, no final, os alunos tiveram de pintar os legumes e frutos de que estiveram a falar anteriormente.

Fundamentação teórica e inferências

O material matemático **Calculadores Multibásicos**, criado por João António Nabais, é constituído por 3 placas, cada uma delas com 5 orifícios. Em cada um destes orifícios podem colocar-se peças de 6 cores diferentes (amarelas, verdes, encarnadas, azuis, cor-de-rosa e lilases). Estas peças encaixam umas nas outras, e nos orifícios, dando origem a “torres” (Caldeira, 2009, p. 187).

Este material permite a realização de jogos, sendo que, nesta aula, a Educadora optou por realizar com os alunos o jogo das bases, cuja regra é a seguinte “para

determinar a base mínima possível em que se pode jogar, olha-se para a torre mais alta e acrescenta-se 1 mentalmente” (Caldeira, 2009, p. 201).

Ainda para esta autora, “devem fazer-se diversos exercícios de leitura de números. A leitura da placa faz-se sempre da esquerda para a direita” (p. 202).

3. Estágio no Jardim-Escola dos Olivais (Bibe Amarelo B)

Este período de estágio decorreu entre 6 de janeiro e 10 de fevereiro 2012, na turma do Bibe Amarelo B (faixa etária dos 3 anos). Recordo que, de permeio, entre 9 e 12 de janeiro e entre 13 e 17 de fevereiro, ocorreram as minhas duas semanas de compensação (já atrás relatadas).

A turma B do Bibe Amarelo tem 28 crianças: 15 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

A sala do Bibe Amarelo é partilhada pela turmas A e B. Para além de mesas, existe ainda uma zona com um tapete onde as crianças se podem sentar. A sala dispõe ainda de gavetas onde são colocados os materiais de cada uma das crianças e placares para a exposição dos seus trabalhos.

Aquando da hora da sesta, as mesas são empilhadas para darem lugar a camas para as crianças que ainda dormem à tarde.

O horário estabelecido para esta turma é o que se transcreve no Quadro 4, apresentado na página seguinte.

Quadro 4. Horário do Bibe Amarelo B - Olivais

HORAS	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00–9h30	Partilha de saberes	Acolhimento/ Canções de roda		Música	Acolhimento/ Canções de roda
9h30 – 10h00	Área de Projeto: estimulação à leitura			Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura
10h00 – 10h30	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ed. do Movimento
10h30 – 11h00	Ed. do Movimento	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Iniciação à Matemática
11h00- 11h30	Recreio				
11h30 – 12h00	Higiene/ Preparação para o almoço				
12h00 – 12h30	Almoço				
12h30 – 14h30	Recreio (livre e orientado)/ Hora da sesta				
14h30 – 15h00	Higiene/ Preparação da sala				
15h00 – 16h00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16h00 – 16h20	Higiene				
16h20 – 17h00	Lanche/ Saída				

A seguir, encontram-se os relatos dos meus dias de estágio na turma do Bibe Amarelo B e respetivas fundamentações teóricas e inferências.

6 de janeiro de 2012

O dia teve início com os preparativos para a aula de Educação Física. A Educadora solicitou às estagiárias que ajudassem as crianças a tirarem os bibes e realizou contagens com todos os alunos. Ainda nesta manhã, contei-lhes a história “Os três Porquinhos”.

Após a aula de Educação Física (com bolas), os alunos almoçaram e dormiram a sesta. Uma vez que 6 de janeiro é Dia de Reis, os pais foram convidados a ir à escola

para um pequeno lanche de convívio. Enquanto as Educadoras organizavam a sala, os alunos estiveram a ver desenhos animados (“Tom e Jerry”) no salão.

Fundamentação teórica e inferências

A **aproximação dos pais à escola** é absolutamente fundamental pois, tal como afirma Pereira (2010, p. 72), “construir relações de proximidade entre a família e a escola é eliminar, em primeiro lugar, as barreiras da desconfiança recíproca, na certeza de que cada um é insubstituível no papel que desempenha”.

Este dia foi, de facto, diferente, pois notava-se o contentamento das crianças por verem os pais presentes – e, infelizmente, a tristeza daqueles cujos pais não tinham vindo à escola. Por seu turno, era visível o interesse dos pais, a forma harmoniosa como falavam com as Educadoras, o empenho que puseram na comida que trouxeram para partilhar neste Dia de Reis.

13 de janeiro de 2012

A Educadora explorou pela primeira vez o material matemático Cuisenaire, nomeadamente as cores e os tamanhos.

Ainda da parte da manhã, as crianças tiveram aula de Educação Física. Da parte da tarde, a Educadora colocou um cd de música infantil e as crianças tiveram a oportunidade de dançar.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, a **Expressão Musical** na educação pré-escolar engloba “escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (Ministério da Educação, 1997, p. 64). Neste sentido, o facto de a Educadora solicitar às crianças que dançassem, contribui para que estas “exprimam a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendam a movimentar-se, seguindo a música” (p. 64).

20 de janeiro de 2012

A manhã teve início com a minha aula, subordinada ao tema “o dia e a noite”. Após o momento da higiene, sentei os alunos no tapete, em roda, e coloquei no centro uma representação do planeta terra, para melhor conseguir explicar o conceito de dia e noite. Recorri igualmente a imagens de bonecos impressas e a uma lanterna.

Posteriormente, espalhei pelo chão imagens relativas ao dia-a-dia das crianças e colocámo-las por ordem. Após um pequeno momento de descontração com música, abordei o Domínio da Matemática, recorrendo ao uso de imagens impressas de animais e a três caixas de cores diferentes. Deste modo, tive a oportunidade de trabalhar, com os alunos, contagens e estruturação espacial, assim como noção de cor. Paralelamente, explorei ainda o som de alguns dos animais.

Após a aula de Educação Física com arcos, os alunos almoçaram e dormiram a sesta. Ao longo do dia, a Educadora cantou com os alunos algumas músicas e rimas. Da parte da tarde, contei-lhes a história do volume *A que sabe a lua*, recorrendo a um flanelógrafo e a imagens impressas. Ao fim da tarde, tive ainda a possibilidade de lhes contar a história “Os Três Porquinhos”.

Inferências

O tema da Área de Conhecimento do Mundo – **o dia e a noite** – é, no meu entender demasiado complexo para crianças com 3 anos de idade, que se caracterizam pela sua fraca noção do conceito de tempo. Deste modo, considero extremamente complicado explicar o conceito de rotação e translação, mesmo com material apelativo.

No que ao Domínio da Matemática diz respeito, optei por recorrer a inúmeras imagens de personagens da história por forma a captar a atenção dos alunos, uma vez que os animais fazem parte dos seus interesses. De acordo com a Educadora, o momento em que contei a história *A que sabe a lua* foi o melhor, uma vez que consegui captar a atenção das crianças. Como aspeto negativo, salientou a minha escolha em sentá-las em roda e não por filas, pois, desse modo, teria conseguido que todas vissem o material na perfeição.

27 de janeiro de 2012

Neste dia tive de dar uma aula surpresa aos alunos desta turma. A Educadora da turma solicitou-me que trabalhasse o Domínio da Matemática com o 1.º Dom de Froebel. Conversei com as crianças sobre a caixa deste material de matemática e trabalhei noções de estruturação espacial, noção de quantidade e as cores, optando por ter os alunos sentados no tapete da sala. A Educadora aconselhou-me a ter cuidado no uso dos diminutivos.

Da parte da tarde, os alunos trabalharam a motricidade fina, fazendo pequenas bolas de papel de seda.

Fundamentação teórica e inferências

O **1.º Dom de Froebel** destina-se a crianças entre os 2 e os 3 anos de idade e “é composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto *crochet*, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta” (Caldeira, 2009, p. 243). As bolas encontram-se dentro de uma caixa de madeira.

Do ponto de vista pedagógico, este material contribui para a aprendizagem das cores, para a estruturação espacial, lateralização, desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário, jogos de memória, seriação, conjunto e contagem (Caldeira, 2009, p. 243).

Associado a este material deverá estar o suspense e a expectativa criados na criança. De acordo com Caldeira (2009), “tentamos criar algum mistério à volta da caixa do 1.º Dom”, interrogando os alunos sobre o que se poderá encontrar dentro dela. À medida que as bolas vão saindo de dentro da caixa, os meninos terão a possibilidade de lhes tocar e de encontrar, na sala de aula, objetos com a mesma cor (p. 244).

3 de fevereiro de 2012

Foi dia da minha aula programada sob o tema “As plantas”. Entre as 9h30 e as 10h30, a Educadora da turma e a Diretora do Jardim-Escola dos Olivais assistiram às

minhas aulas, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no Domínio da Matemática e na Área de Conhecimento do Mundo.

Comecei por contar às crianças a história do “João e o Pé de Feijão”, recorrendo a um fantocheiro e a fantoches feitos com colheres de pau. Os alunos assistiram ao teatro, sentados no tapete da sala. Seguidamente, identificaram alguns dos fantoches e, juntos, fizemos um pequeno resumo da história.

Para abordar o Domínio da Matemática, solicitei às crianças que se sentassem nos respetivos lugares e utilizei o 1.º Dom de Froebel, 6 vasos decorados com as cores das bolas deste material matemático e flores feitas com cartolinas e coladas em palhinhas das mesmas cores. À medida que algumas crianças iam retirando as 6 bolas uma a uma, identificavam a cor, colocavam-nas nos locais por mim indicados (em cima da mesa, em baixo da mesa, entre o vaso verde e o vaso azul, dentro do vaso amarelo, fora do vaso cor-de-laranja, etc.). Com as flores, consegui que as crianças trabalhassem a noção de cor, assim como a noção de quantidade (“Quantas flores tens na tua mão? Se te der uma com quantas ficas? Vai colocá-las no vaso correspondente”).

Seguidamente, na abordagem à Área de Conhecimento do Mundo, mostrei quatro imagens ilustrativas da evolução e crescimento de um feijão e apontei a raiz, o caule e as folhas. Após mostrar a todos os alunos uma planta, passei a outra demonstração. Tinha levado comigo um feijão em processo de crescimento que lhes mostrei. Para finalizar, os alunos realizaram, em grupos, a experiência da germinação do feijão. Para tal, todas as mesas tinham uma cartolina de tamanho A3, com uma mica colada, na qual todos os alunos teriam de colocar algodão molhado em água e três feijões.

Da parte da tarde os alunos trabalharam a motricidade fina com plasticina, fazendo várias formas.

Fundamentação teórica e inferências

A aula referente à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, será comentada na Parte II – Planificações.

10 de fevereiro de 2012

Após a aula de cerâmica, a Educadora contou, sem recurso a livro ou imagens, a história *A lagartinha comilona*, de Eric Carle, ao mesmo tempo que desenhava no quadro algumas imagens alusivas à história. Os alunos realizaram contagens, utilizando pequenas peças coloridas que se encontravam no centro da mesa.

Inferências

As Educadoras de ambas as turmas do Bibe Amarelo realizam as atividades diárias em simultâneo, pelo que, apesar de a Educadora da turma onde realizei estágio estar a contar a história lendo anotações numa pequena folha, facilmente compreendi de que história se tratava olhando para a Educadora da outra turma que se encontrava com o livro na mão. Considero que a Educadora poderia ter encontrado outra solução para trabalhar conceitos matemáticos que não passasse pela utilização do livro de Eric Carle. Uma vez que não dispunha do livro e que contou a história recorrendo a anotações, seria mais interessante se tivesse criado uma história recorrendo à sua imaginação.

4. Estágio no Jardim de Infância Quinta da Alegria

Entre o dia 27 de fevereiro de 2012 e o dia 2 de março de 2012, realizei a semana intensiva de contacto com a realidade educativa. Optei por a fazer no Jardim de Infância Quinta da Alegria de Moscavide.

O grupo era constituído por 26 crianças: 7 meninas e 19 meninos.

A sala destinada aos alunos do pré-escolar deste Jardim de Infância, encontra-se dividida em três espaços distintos: uma zona de trabalho com mesas e cadeiras para todas as crianças, uma zona reservada aos “cantinhos” (cantinho da casa, do médico, dos carrinhos e da construção) e uma zona onde se encontra o tapete onde as crianças se podem sentar. A sala dispõe ainda de um pátio interior onde, por vezes, realizam jogos e cantam canções em conjunto.

Passo a relatar estes dias de estágio, fazendo apenas breves inferências no final desses relatos.

27 de fevereiro de 2012

Entre as 9h30 e as 10h00, as crianças estiveram sentadas no tapete da sala, cantando algumas canções. Após este momento, a Educadora conversou com os alunos sobre as atividades que estes desenvolveram durante o fim-de-semana e realizaram um desenho com base neste tema. De seguida, as crianças fizeram a habitual pausa da manhã para beberem leite e irem ao intervalo. Seguiu-se o almoço e o intervalo.

Da parte da tarde, a Educadora sentou os alunos no tapete e leu-lhes o livro *Para que serve o zero?*. Depois, fomos com as crianças conhecer a escola e cantámos no recreio. Entre as 14h00 e as 14h45 os alunos brincaram nas diversas áreas que se encontram na sala. As crianças jogaram ao jogo da garrafa sob a orientação da Educadora, sendo que o objetivo era que estas realizassem determinadas atividades com vista à sua desinibição. Por fim, lancharam e prepararam-se para sair.

28 de fevereiro de 2012

O dia teve início com a habitual conversa no tapete sobre o tempo e os dias da semana e cantaram-se canções.

A Educadora criou uma personagem – o Palhaço Batatinha – que todos os dias envia uma carta para a turma, contando as suas aventuras e dando o mote para os temas a abordar naquele dia. Na carta deste dia, o Palhaço Batatinha pedia a minha ajuda e a da minha colega de estágio para compreender algumas noções como: cor, estruturação espacial, lateralização e contagem. Neste sentido, trabalhei com os alunos as noções mencionadas, recorrendo a 6 vasos com flores de cores diferentes coladas em cada um. Para além dos vasos, tinha ainda flores das mesmas cores dos vasos, feitas com palhinhas e cartolinas coloridas. Os alunos tiveram de colocar determinado número de flores nos locais por mim indicados, tendo em conta as suas cores. Para consolidar a

aprendizagem, as crianças realizaram uma proposta de trabalho onde tinham de desenhar determinado número de flores, de acordo com as indicações dadas.

Ainda durante a manhã, as crianças fizeram um desenho para oferecer a uma menina da turma que fazia anos. Após o intervalo, os alunos almoçaram e estiveram no recreio. Da parte da tarde, a Educadora leu o livro intitulado *Os opostos* e fez perguntas dirigidas a algumas das crianças sobre o oposto de determinada palavra. Utilizou uma caixa com títulos de canções que foram tirados à sorte pelos alunos e todos cantaram a respetiva música ao som de uma pandeireta. Alguns alunos terminaram o desenho para oferecer à aniversariante e, após a chegada dos seus pais, cantou-se os parabéns.

29 de fevereiro de 2012

Após o acolhimento, com as habituais canções e com a conversa sobre o tempo e os dias da semana, as crianças marcaram a sua presença no calendário do mês. A Educadora leu a carta escrita pelo Palhaço Batatinha que desta vez pedia ajuda para compreender o porquê de, quando ele pintava com lápis branco numa folha da mesma cor, não conseguir ver qualquer alteração. De seguida, a Educadora fez a experiência, escrevendo com um lápis branco numa folha branca e posteriormente numa cartolina preta, mostrando às crianças a diferença. Ainda da parte da manhã, os alunos fizeram um desenho livre numa cartolina preta com giz branco molhado em leite.

Depois do intervalo e de terem bebido o leite, as crianças fizeram uma roda, cantando canções e brincando com a bola saltitona. Após o almoço e o intervalo, a Educadora leu aos alunos o livro *Provérbios Ilustrados*, de Luísa Ducla Soares. Partindo de alguns provérbios como “Quem tem medo compra um cão”, “Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar” e “Quem brinca com o fogo queima-se”, questionou os alunos sobre o seu significado.

Durante a tarde, jogaram ainda ao jogo do Sr. Smith, que consistia numa sequência de 4 imagens que, colocadas por uma determinada ordem, formam uma história. Por fim, mostrei à turma as propostas que tinham realizado no dia anterior com a respetiva avaliação.

1 de março de 2012

O dia teve início com o acolhimento e com a leitura de uma nova carta do Palhaço Batatinha que, neste dia, solicitou a nossa ajuda para explicarmos a diferença entre alguns dos principais legumes. Assim, a minha colega usou uma pequena horta em esferovite onde se encontravam inúmeros legumes de diferentes tamanhos. Os alunos tiveram de retirá-los da horta e de os colocar nos respetivos cestos, mediante as indicações dadas. Depois de beberem o leite e do intervalo, a turma almoçou e esteve no recreio.

Da parte da tarde, a minha colega leu às crianças uma história de António Torrado, intitulada *Devagar ou a correr*, e estas realizaram uma proposta de trabalho onde tinham que pintar os legumes com as suas respetivas cores. A turma esteve no recreio a jogar e a cantar. Por fim, jogaram ao telefone estragado e lancharam.

2 de março de 2012

Após o acolhimento, a Educadora leu a carta escrita pelo Palhaço Batatinha que deixou antever a realização de um teatro de fantoches. Eu e a minha colega apresentámos à turma uma história do “João e o Pé de Feijão”, recorrendo a fantoches e ao fantocheiro da sala. Ainda no período da manhã, os alunos realizaram a experiência do feijão. Após beberem o leite e irem ao intervalo, foram almoçar e estiveram no recreio.

Durante a tarde, li-lhes o livro de Trish Cooke, intitulado *Tanto, Tanto!* A Educadora escreveu numa folha o título do livro e lançou questões como: “O que está aqui escrito?”, “Quantas vogais encontras nesta palavra?” e “Quantas consoantes encontras nesta palavra?”.

Depois de brincarem nas diferentes áreas, as crianças ofereceram-nos um ramo de flores com desenhos feitos por elas, visto que este era o último dia do nosso estágio nesta instituição. Também nós lhes deixámos uma lembrança na sala – uma frase da autoria de Luísa Dacosta, “No sonho, a liberdade...”.

Inferências

Esta experiência fora dos jardins-escola João de Deus permitiu-me comparar realidades educativas e retirar algumas conclusões.

Uma delas prende-se com o facto das áreas intituladas “cantinhos” serem utilizadas todos os dias pelas crianças, pelo que têm a possibilidade de brincar ao “faz de conta” diariamente, algo que é tão importante nestas idades e que, nos outros Jardins onde estagiei vi apenas uma vez serem usados.

Outro aspeto que me parece bastante relevante tem a ver com a conversa que é tida todos os dias entre a Educadora e os alunos e a criação da personagem que interliga todas as atividades.

5. Estágio no Jardim-Escola da Estrela (Bibe Amarelo A)

Este período de estágio decorreu entre 1 e 22 de junho de 2012, na turma A do Bibe Amarelo (faixa etária dos 3 anos), do Jardim-Escola da Estrela. Entre os dias 4 e 8 de junho de 2012 realizei uma das semanas de compensação nesta mesma turma.

A turma é composta por 28 crianças: 14 delas são do sexo masculino e 14 do sexo feminino.

A sala do Bibe Amarelo A tem uma área com mesas para as crianças trabalharem, outra onde se encontra um tapete para se sentarem. Existe uma terceira área, com uma cozinha de brincar e uma outra (o cantinho do faz-de-conta) onde se encontram cabides com roupas para as crianças vestirem. Há ainda placares para exposição de trabalhos e armários para arrumação dos seus materiais.

O horário da turma é o que se transcreve na página seguinte.

Quadro 5. Horário do Bibe Amarelo A - Estrela

HORAS	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00	Acolhimento, canções de roda e higiene				
9h30 – 10h00	Atividades de desenvolvimento verbal	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Atividades de desenvolvimento verbal
10h00 – 10h30	Informática/ Biblioteca	Grafismo	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Estimulação à Leitura
10h30 – 11h00		Educação Física	Recreio	Recreio	Recreio
11h00 – 11h30	Recreio	Recreio	Iniciação à Matemática	Educação Física	Educação Musical
11h30 – 12h00	Atividades de desenvolvimento verbal	Trabalho de grupo	Desenho	Desenho	Recorte e colagem
12h00	Almoço				
13h00	Sesta				
15h00 – 15h30	Iniciação à Matemática	Grafismos	Estimulação à Leitura	Picotagem	Modelagem/ Barro
15h30 – 16h00	Recorte e colagem	Pintura	Dobragens	Desenhos	Jogos
16h00 – 16h30	Cantinhos	Jogos	Cantinhos	Jogos	Cantinhos
16h30	Lanche				
17h00	Saída				

Passo a apresentar o relato dos meus dias de estágio na turma A do Bibe Amarelo e respetivas fundamentações teóricas e inferências.

1 de junho de 2012

Entre as 9h00 e as 9h30, os alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo juntam-se no recreio e formam uma roda onde se cantam canções infantis.

Uma vez que neste dia se assinalou o Dia da Criança, os alunos tiveram a possibilidade de ficar mais tempo do que o habitual no recreio. Ainda da parte da manhã, as crianças brincaram nas áreas disponíveis na sala de aula (a cozinha, o cantinho do faz de conta) e fizeram salame. Antes do almoço e da sesta, houve ainda tempo para a aula de música.

Da parte da tarde, atores do Teatro Bocage deslocaram-se ao Jardim-Escola e todos os alunos do pré-escolar assistiram a uma peça de teatro intitulada “A ilha do paraíso”, baseada na obra original de Maria do Rosário Pedreira.

Fundamentação teórica e inferências

A **ida ao teatro** (ou, neste caso, a vinda do teatro à escola) “deve começar cedo (3 anos em média), porque tem numerosas vantagens”, tais como “apreciação do teatro como experiência estética” e “partilha de uma forma de arte comunitária, das mais antigas” (Cordeiro, 2010, p. 424).

Semana de compensação no Bibe Amarelo A

4 de junho de 2012

O dia teve início com o acolhimento no recreio do Jardim-Escola e, entre as 9h30 e as 10h00, a Educadora conversou com os alunos sobre o que fizeram no dia da criança.

Houve ainda aula de informática e uma ida à biblioteca. Após este momento, uma fotógrafa deslocou-se ao Jardim-Escola para fotografar as crianças.

Da parte da tarde, a Educadora contou a história *A Galinha do Noddy*, de Enid Blyton.

Fundamentação teórica e inferências

As aulas de **Informática**, junto de crianças destas idades, são, naturalmente muito bem-vindas. É aceite por todos os que se preocupam com a educação das crianças a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar. Segundo as

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, essa utilização “pode ser desencadeada de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código informático, cada vez mais necessário. Este pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática” (Ministério da Educação, 1997, p. 74).

5 de junho de 2012

A Educadora da turma entregou-me um livro trazido por um dos alunos, intitulado *A Princesa e a Ervilha*, e pediu-me que o lesse às crianças. Durante esta atividade, os alunos, sentados no tapete, acompanharam a história realizando alguns gestos e sons nela mencionados (o som da chuva e da trovoadas).

Ainda durante a manhã, as crianças realizaram uma atividade de rasgagem de pedaços de folha de revista, efetuando a sua colagem numa composição a seu gosto.

Da parte da tarde, a Educadora realizou um truque de magia que consistia em virar um copo com água ao contrário sem deixar cair uma gota.

Por fim, foi entregue aos alunos uma folha onde estes teriam de colar pequenos sapos de papel, dentro de um conjunto de acordo com o cardinal mencionado.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo Caldeira (2009), “a aquisição do **conceito de número** é apontada como fundamental para a continuidade da aprendizagem da matemática escolar” (p. 62). Assim, não há dúvidas de que a atividade proposta pela Educadora foi ao encontro desta preocupação.

6 de junho de 2012

A Educadora leu uma história trazida por um dos alunos, que tinha como título *O pequeno patinho*. Aproveitou para questionar as crianças relativamente aos elementos

paratextuais. Depois, foi tempo de as crianças realizarem um exercício de grafismo, passando com o lápis de carvão sob o contorno.

Da parte da tarde, os alunos realizaram um jogo de loto. Tinham de identificar a cor dos círculos de cartolina que saíam de dentro de um saco e que colocar uma tampa, em cima da respetiva cor, nos seus cartões individuais. Posteriormente, a Educadora utilizou o material matemático do 1.º Dom de Froebel para abordar conceitos como as cores, a estruturação espacial, a lateralização e realizou ainda uma atividade de “Quim Visual”.

Após este momento, a Educadora utilizou o flanelógrafo para contar a *História da gotinha de água*, finalizando com uma pequena conclusão sobre o ciclo da água. Enquanto contava a história, a Educadora apelou também ao contributo dos alunos para realizarem determinados sons e gestos.

O dia terminou com uma atividade de Expressão Plástica. Os alunos pintaram um pedaço de folha de papel com um material criado pela Educadora. Restos de lápis de cera foram colocados em formas e levados ao forno. O resultado foi algo em forma circular que, ao ser passado pela folha, produzia um efeito com inúmeras cores. Depois de pintada, a folha foi transformada num leque.

Fundamentação teórica e inferências

Para trabalhar a área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática, a Educadora utilizou o 1.º Dom de Froebel e realizou com os alunos o jogo do “**Quim Visual.**”

Segundo Caldeira (2009), para podermos realizar este jogo “posiciona-se a caixa na vertical e coloca-se 2 bolas em cima (fazendo lembrar os olhos do “Quim”) e outras duas bolas, uma em cada lado da caixa” (p. 245). Posteriormente, as crianças tapam os olhos, enquanto a Educadora altera as bolas de local. Quando estas destapam os olhos, têm de identificar a diferença.

8 de junho de 2012

Ao longo deste dia os alunos de ambas as turmas estiveram com a Educadora da turma B. Da parte da manhã, as crianças realizaram uma ficha de grafismo e a Educadora leu uma história da autoria Norbert Land, intitulada *O Ursinho Barulhinhos*. Da parte da tarde, os alunos brincaram com plasticina.

15 de junho de 2012

Neste dia, dei a minha manhã programada no Bibe Amarelo. Optei por iniciar a minha aula pela Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, sentando os alunos no tapete. Utilizei um álbum com uma das histórias da autoria de Luísa Ducla Soares, intitulada *Todos no Sofá*, ao mesmo tempo que incentivava as crianças a repetirem uma das frases presentes no texto. Depois da leitura, distribuí máscaras a algumas crianças, referentes aos personagens existentes. Assim, enquanto alguns alunos representavam a história contada, outros assistiam e repetiam a mesma frase, ao mesmo tempo que eu relia a história.

Após a pausa para a refeição a meio da manhã, simulei com as crianças uma viagem à selva, utilizando a expressão corporal e música. De seguida, sentaram-se outra vez no tapete, de frente para a tela, e assistiram a um pequeno filme sobre o elefante, no âmbito da Área de Conhecimento do Mundo. Ao mesmo tempo que as imagens iam surgindo na tela, fui conversando com os alunos, tentando apurar os seus conhecimentos sobre este animal, e introduzindo novas informações, tendo sempre em vista a sua curiosidade. Neste sentido, utilizei uma cartolina grande que simulava o tamanho da tromba de um elefante e outra o tamanho da sua pegada.

A Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática foi abordada, da parte da tarde, através da construção de uma tabela de dupla entrada, utilizando elefantes de várias cores feitos de goma eva (musgami).

Na passagem de uma área para outra, aproveitei ainda para ensinar às crianças uma nova música e relembrar algumas lengalengas.

Fundamentação teórica e inferências

Para a Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, especificamente para a **estimulação para a leitura**, optei por ler *Todos no Sofá*, de Luísa Ducla Soares.

O texto de *Todos no Sofá* está estruturado como se fosse uma das lengalengas tradicionais e torna-se muito perceptível para as crianças. Segundo Riscado (2002), este livro está construído

[...] com base num movimento decrescente de personagens, e o leitor assiste, divertido e expectante, ao esvaziamento do sofá, apinhado, onde se acotovelavam dez criaturas, até nele restar apenas uma única, muito típica – O João Preguição. Construído o texto de forma a manter o *suspense* de início até ao final, aquela «aparição» última do dorminhoco – habitante privilegiado do tão desejado sofá – torna-se divertida e bem conseguida. (p. 22)

Esses serão os motivos que terão levado as crianças a aderir a este texto e a participarem com entusiasmo nas propostas que lhes fiz.

22 de junho de 2012

Durante a manhã, as crianças realizaram uma proposta de trabalho que consistiu em completar parte de uma imagem previamente colada numa folha, utilizando lápis de cor.

Todos os alunos do pré-escolar deste Jardim-Escola se deslocaram ao ginásio da Escola Superior de Educação João de Deus onde ensaiaram, com as respetivas Educadoras, músicas e danças para apresentarem posteriormente.

Da parte da tarde, as crianças brincaram livremente no recreio e viram desenhos animados.

6. Estágio no Jardim-Escola da Estrela (Bibe Azul A)

De 17 de setembro de 2012 a 3 de outubro de 2012, estagiei na turma A do Bibe Azul do Jardim-Escola João de Deus da Estrela. A turma tem 29 alunos, sendo que 19 são meninos e os restantes meninas.

A sala dedicada à turma A deste bibe dispõe de mesas para cada um dos alunos, para além de placares para a exposição de trabalhos das crianças e de um espaço onde as crianças se podem sentar em grupo. Nesta sala encontra-se ainda uma casa de banho.

O horário é o que se transcreve a seguir.

Quadro 6. Horário do Bibe Azul A - Estrela

HORAS	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00	Acolhimento, canções de roda e higiene				
9h30 – 10h00	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita
10h00 – 10h30					Educação Física
10h30 – 11h00		Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h00 – 11h30	Recreio	Matemática – escrita	Educação Física	Matemática	Inglês
11h30 – 12h00	Matemática – escrita	Matemática – material	Educação Musical	Conhecimento do Mundo	11h00 – 11h50
12h00	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h00	Matemática - material	Conhecimento do Mundo	Matemática - material	Desenho/ Pintura	Assembleia de Grupo
15h00 – 15h30	Dobragens/ Fitas	Pintura/ Modelagem		Lenga-lenga/ Destra.	
15h30 – 16h00	Matemática – escrita	Desenho de série	Expressão Plástica 15h30 – 16h20	Matemática – escrita	Informática/ Biblioteca
16h00 – 16h30	Desenho/ Pintura	Dramatização		Desenho/ Pintura	
16h30	Lanche				
17h00	Saída				

De seguida, apresento o relato dos meus dias de estágio na turma A do Bibe Azul, assim como as respetivas fundamentações teóricas e inferências.

17 de setembro de 2012

A manhã começou, como habitualmente, com os alunos das turmas do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo juntos em roda, cantando canções. Após este momento, os alunos da turma A do Bibe Azul dirigiram-se para a respetiva sala de aula e, enquanto alguns foram chamados à lição de *Cartilha*, outros realizaram propostas de trabalho no âmbito da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (desenhar as letras aprendidas). Depois do intervalo, a Educadora da turma falou com os alunos sobre as partes constituintes do corpo humano (cabeça, tronco e membros) e sobre os cinco sentidos.

O período da tarde foi dedicado à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática, especificamente com o material estruturado Blocos Lógicos. Os atributos das peças, a formação de conjuntos e a linha fronteira foram alguns dos conceitos abordados ao longo da aula. A Educadora explicou aos alunos que os conjuntos têm de ter um nome e os alunos trabalharam também a noção de maior e menor.

No final do dia, jogou-se ao “Cãozinho”. Este jogo consiste em sentar as crianças no chão, em roda, sendo que uma delas se coloca no centro da roda de joelhos e com os olhos tapados. A pedido da Educadora, uma criança terá de tirar algo (pode ser uma bola ou um lenço) que se encontra perto do menino que está no centro da roda, sem que este veja e escondê-lo por debaixo do bibe. A criança que se encontra no centro da roda terá três tentativas para adivinhar quem retirou o objeto que se encontrava ao pé de si.

18 de setembro de 2012

Após as habituais rotinas de acolhimento, já na sala, alguns alunos foram chamados à lição da *Cartilha* enquanto os restantes alunos realizaram propostas de trabalho que envolviam grafismos e pintura com lápis de cor.

Ainda no período da manhã, a Educadora programou utilizar os Calculadores Multibásicos para a abordagem à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática. Numa primeira fase da aula, a Educadora inquiriu os alunos sobre o nome deste material matemático, assim como sobre as suas características. Posteriormente, a Educadora ensinou-lhes o jogo da torre.

Depois do almoço, a Educadora leu um livro trazido por um dos alunos e, depois, estes terminaram propostas de trabalho que se encontravam incompletas.

Fundamentação teórica e inferências

Como já dito (na aula referente ao dia 19 de janeiro de 2012), os **Calculadores Multibásicos** são um dos materiais matemáticos utilizados nos Jardins-Escola João de Deus, constituído por placas e peças coloridas.

Neste dia, para além de relembrar às crianças as características deste material, a Educadora ensinou-lhes um novo jogo: o jogo das torres. Primeiramente, temos de definir em que torre pretendemos jogar. Diz a regra deste jogo que nunca podemos ter na placa torres com a mesma quantidade de peças (ou mais) da torre em que pretendemos jogar. Ou seja, se definirmos que vamos jogar à torre do 5, na placa, não podemos ter torres com 5 ou mais peças. De seguida, e de acordo com Caldeira (2009, p. 190) “quando tivermos na placa torres maiores, temos que trocar essa torre (com o número de elementos do nome do jogo), por uma peça da cor que vem a seguir”.

19 de setembro de 2012

Ao início da manhã, a Educadora chamou um grupo de crianças para a lição de *Cartilha*, enquanto as restantes realizaram propostas de trabalho de consolidação das letras aprendidas anteriormente. Mais tarde, os alunos tiveram aula de Música e de Educação Física.

Após o almoço, a Educadora leu aos seus alunos um livro trazido por um deles intitulado *Eu sei tudo sobre o Natal*. Após o intervalo, os alunos trabalharam com o material estruturado de matemática Cuisenaire. Inicialmente, a Educadora relembrou as suas principais características e terminou ensinando-lhes o jogo dos comboios, iniciando,

assim, a noção de soma. O dia terminou com a aula de Expressão Plástica, dedicada à pintura, recorte e colagem de uma imagem do corpo humano dividida em cabeça, tronco e membros.

Fundamentação teórica e inferências

Na aula de 7 de outubro de 2011, referi-me à importância do uso do material **Cuisenaire** nas turmas de crianças de 4 anos. Também nos 5 anos este material continua a ser determinante. Assim, e segundo Caldeira (2009, p. 15) o Cuisenaire apresenta-se como sendo um material manipulativo que “constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem”.

O jogo dos comboios, apresentado pela primeira vez no ano letivo às crianças desta turma, consiste em solicitar-lhes que coloquem nas suas respetivas mesas, uma determinada peça na horizontal. A essa peça dá-se o nome de estação. De seguida, lança-se o desafio: terão de encontrar peças que, em conjunto, tenham o mesmo tamanho do que a peça representativa da estação. À conjugação de peças, dá-se o nome de carruagens. O número de carruagens poderá, caso o educador o pretenda, ser limitado. O jogo termina, “fechando a estação”, ou seja, colocando por cima das carruagens uma peça igual à que representa a estação. Caldeira (2009, p. 137) considera de extrema importância que as crianças sejam estimuladas a fazer comboios com várias carruagens “consoante as capacidades e destrezas que se pretende desenvolver”.

20 de setembro de 2012

De manhã, após o acolhimento, a Educadora da turma chamou algumas crianças para a lição de *Cartilha*, enquanto as restantes realizaram propostas de trabalho que consistiam em desenhar letras e pintar os desenhos que constavam da mesma. A Educadora planeou dedicar parte da manhã ao Domínio da Matemática, nomeadamente através da utilização do 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com este material estruturado as crianças realizaram cálculo mental recorrendo a uma das construções possíveis de realizar: a mobília de quarto.

Da parte da tarde, os alunos pintaram, com lápis de cera, uma proposta de trabalho inserida no Domínio da Expressão Plástica e assistiram a um filme preparado com fotografias e filmagens dos alunos referentes ao ano passado no âmbito da Expressão Dramática.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo Cordeiro (2009, p.373) a **Expressão Plástica** é uma das atividades necessárias para a criança em idade pré-escolar, pois assim, “através da pintura e do desenho, em que se faz a exploração das cores, [a criança] desenvolve a imaginação, criatividade e sensibilidade”. A atividade plástica desenvolvida pelos alunos neste dia foi ao encontro do que Cordeiro afirma.

21 de setembro de 2012

De manhã, um grupo de crianças foi chamado à habitual lição de *Cartilha*, enquanto os restantes elementos da turma realizavam propostas de trabalho que envolviam grafismos e pintura de imagens. Ainda no decorrer da manhã, as crianças tiveram aula de Educação Física.

No final da manhã, fui assistir à defesa de tese de uma colega de Mestrado.

Da parte da tarde, enquanto os alunos estiveram na biblioteca e na sala de informática, estive a ajudar a Educadora da turma a arrumar, nos dossiers das crianças, as propostas de trabalho realizadas durante a semana.

Fundamentação teórica e inferências

A **Cartilha Maternal** de João de Deus encontra-se organizada em vinte e cinco lições. As crianças aprendem a ler em grupos de 4 a 5 crianças.

De acordo com Ruivo (2009, p. 118), a criação de grupos de crianças para irem à *Cartilha* é benéfica, pois “torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes”. Ainda para esta autora, o ensino da *Cartilha* está diretamente

ligado ao seu bom conhecimento, pois “quem não compreender o Método dificilmente fará bom uso da Cartilha”.

Nota-se que as crianças da turma ainda não estão bem familiarizadas com o uso da *Cartilha*, embora já estejam rotinados no seu uso diário.

24 de setembro de 2012

A manhã deste dia ficou marcada pela minha aula. Optei por solicitar às crianças que se sentassem no chão, recorrendo a uma rima que todos disseram em conjunto. Depois de sentados, li-lhes uma das histórias do livro *Histórias de reis e de princesas*, de António Torrado, intitulada “Ciúmes Reais” e conversámos sobre as principais características dos livros (capa, contracapa, lombada, páginas, título, autor e ilustrador).

Após este momento, as crianças sentaram-se nos respetivos lugares para trabalharem com o 3.º e 4.º Dons de Froebel, nomeadamente através da construção da mobília de quarto. Ainda no Domínio da Matemática, as crianças realizaram combinações com imagens impressas de dois pares de calças e de três camisas de diferentes cores. Depois de encontradas as seis combinações de roupas, os alunos colaram-nas numa proposta de trabalho, onde teriam que escrever o número 6 no local apropriado.

Na Área de Conhecimento do Mundo, utilizei uma representação da figura humana (esqueleto e órgãos) para mostrar o local onde se encontram os pulmões. Expliquei ainda as principais características deste órgão, assim como o movimento de inspiração e de expiração. Para uma melhor compreensão destes conceitos, elaborei uma experiência, recorrendo a uma garrafa de plástico e a dois balões, para representar ambos os movimentos realizados aquando do processo de respiração. Para finalizar, os alunos realizaram uma proposta de trabalho em que, primeiramente, teriam de circundar a imagem correspondente ao local do nosso corpo em que se encontram os pulmões. A segunda tarefa desta proposta envolvia a pintura da imagem representativa dos pulmões.

Da parte da tarde, as crianças realizaram propostas de trabalho no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Fundamentação teórica e inferências

A aula do Domínio da Matemática será comentada na Parte II – Planificações.

Na Área de Conhecimento do Mundo, optei por mostrar aos alunos uma **experiência científica** representativa do funcionamento dos pulmões. Fi-lo, consciente de que “as actividades práticas são parte integrante de qualquer currículo de ciências pelas potencialidades que encerram para o desenvolvimento de capacidades dos alunos” (Almeida, 1998, pp. 42 e 43).

As actividades experimentais permitem que as crianças pequenas que frequentam o Jardim de Infância sejam “iniciadas em procedimentos e formas de pensar próprias da construção do conhecimento científico” (Martins *et al.*; 2009, p. 7). Este autor refere-se ainda à importância de, nos dias de hoje, os cidadãos serem “cientificamente cultos, de modo a serem capazes de interpretar e reagir a decisões tomadas por outros, de se pronunciarem sobre elas, de tomar decisões informadas sobre assuntos que afectam as suas vidas e a dos outros” (p. 11). Uma das finalidades da educação em ciências passa pela “formação de cidadãos capazes de exercer uma cidadania activa e responsável” (p. 11).

Sá (2000), citado por Pereira (2002) afirma que ao “não se iniciar uma abordagem experimental ao ensino da ciência com crianças, poderemos, do ponto de vista educativo, estar a desperdiçar uma faixa etária com imensas potencialidades” (pp. 35 e 36). Esta autora considera ainda de extrema importância “que uma criança aprenda cedo a ter consciência do que está a observar, fazendo registos e comunicando as observações feitas, de forma a compará-las com as dos outros” (p. 46).

O educador deverá incentivar as crianças a colocarem “perguntas e questões acerca de objectos e situações e que sejam encorajadas a obter uma resposta a uma questão antes de colocar outra” (Pereira, 2002, p. 58).

A par do dinamismo e da realização de uma experiência na Área de Conhecimento do Mundo, destaco ainda, nesta aula, como aspetos positivos a utilização de rimas e do fator surpresa.

25 de setembro de 2012

Após o acolhimento, as crianças da turma A do Bibe Azul foram para a sala de aula onde realizaram propostas de trabalho que envolviam a realização de grafismos e a

pintura de desenhos, enquanto grupos de cerca de quatro crianças eram chamados à lição de *Cartilha*. Depois do intervalo, os alunos trabalharam com os Calculadores Multibásicos. Após o almoço e o intervalo, a Educadora chamou alguns alunos à lição da *Cartilha*, enquanto os restantes realizaram propostas de trabalho com grafismos.

26 de setembro de 2012

Às 10h15 teve início a minha aula programada na turma A do Bibe Azul. Optei por começar pela Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – contando a história de Luísa Ducla Soares, intitulada *Os Ovos Misteriosos*, depois de ter lembrado as regras da sala. Para tal, decidi que as crianças deveriam estar sentadas no chão, em “U”, permitindo assim que todas vissem o material que utilizei para contar a história, nomeadamente, uma placa de madeira com relva sintética onde iam surgindo os personagens da história (galinha, ovos, serpente, avestruz, papagaio, pinto e menino). De seguida, solicitei aos alunos, através de rimas, que se sentassem à mesa, nos respetivos lugares. Em cada lugar, tinha colocado um quadro magnético e letras móveis. Para além disto, coloquei no quadro letras móveis com o título da história contada. Seguidamente, solicitei às crianças que utilizassem as letras móveis para escreverem no quadro magnético a palavra do título da história de quatro letras (ovos). Depois, teriam de utilizar as vogais da palavra e outras disponíveis para formarem ditongos.

Para trabalhar o Domínio da Matemática, cada criança dispunha de um cenário com uma árvore, uma flor e um pequeno monte, em tamanho A4 plastificado, assim como imagens de uma galinha e de seis pintos. Com este material os alunos realizaram algumas situações problemáticas.

A Área de Conhecimento do Mundo foi dedicada aos cinco sentidos, nomeadamente através de um jogo que se seguiu a uma conversa sobre os mesmos. Para o jogo, construí um dado; cinco das suas faces correspondiam a cada um dos cinco sentidos. Alguns alunos lançaram o dado e realizaram pequenas atividades utilizando o sentido indicado pelo dado. Para abordar a visão, uma das crianças olhou para uma série de objetos dispostos à sua frente e tapou os olhos. De seguida, alterei a disposição dos mesmos e ela teve de adivinhar o que estava diferente. Para explorar o sentido do

paladar, uma das crianças, com os olhos vendados, teve de adivinhar que alimento provou. O mesmo se passou com o olfato e com a audição. Apenas não tive tempo para o sentido do tato.

Da parte da tarde, a pedido da Educadora, estive com algumas crianças a apurar o seguinte: noção de quantidade, colocação de algarismos por ordem crescente e decrescente e identificação de algarismos, recorrendo ao preenchimento de uma tabela.

Ainda no período da tarde, os alunos realizaram algumas propostas de trabalho que envolveram a realização de grafismos e tiveram aula de Expressão Plástica onde terminaram o trabalho iniciado na aula anterior (pintar, cortar e colar imagens de partes do corpo de forma correta).

Fundamentação teórica e inferências

Na reunião final após as aulas assistidas, como aspetos a melhorar, foi-me apontado, quer pela Educadora da turma, quer pela Supervisora da Prática Pedagógica, que a criança que foi ao quadro apontar para a palavra que tinha quatro letras, deveria tê-la circundado, para que todas a pudessem ver. Depois de formarem os ditongos, algumas crianças deveriam tê-los lido. Quanto aos cálculos propostos para o Domínio da Matemática, estes foram pouco desafiantes e não explorei a imagem com o cenário que todos os alunos tinham à sua frente. Na Área de Conhecimento do Mundo, foi-me justamente apontado que só os alunos que foram realizar o jogo tiveram a oportunidade de cheirar e provar os alimentos, enquanto os restantes alunos ficaram apenas a ver.

Contudo, apesar de apenas alguns alunos terem tido a possibilidade de participar no jogo, considero de importância fulcral a realização de atividades em que os sentidos sejam explorados, uma vez que, de acordo com Reis (2008, p. 15), a **ciência nos primeiros anos de escolaridade** “pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal”. Segundo este autor, no pré-escolar, a ciência:

(...) constitui uma forma racional de descobrir o mundo, que envolve (1) o desenvolvimento da vontade e da capacidade de procurar e usar evidências, (2) a construção gradual de uma estrutura de conceitos que ajuda a entender as vivências do dia-a-dia e (3) a promoção de capacidades e atitudes necessárias à investigação, à resolução de problemas, à colaboração e à discussão. (p. 15)

Para além da aprendizagem de conhecimentos, o ensino da ciência terá de ser sempre acompanhado “pelo desenvolvimento de atitudes e capacidades” (Reis, 2008, p. 15). Paralelamente, os educadores “devem propor actividades científicas interessantes e relevantes para as crianças, actuar como modelos de atitude investigativa e crítica perante o mundo e encorajar nas crianças esta mesma atitude” (pp. 15 e 16). Este autor considera as crianças como “«cientistas activos» que procuram, constantemente, satisfazer a sua insaciável curiosidade sobre o mundo que as rodeia” (p.16). Foi partindo das considerações deste autor que optei pela realização do jogo dos sentidos, pois o pré-escolar constitui-se como o tempo e o espaço único “para as crianças contactarem e experimentarem uma grande diversidade de situações e fenómenos” (p. 17).

Sherwood, Williams e Rockwell (1987) realçam igualmente a curiosidade natural dos mais novos. Para estes autores, “as crianças são cientistas por natureza” (p.17), e

[...] tal como no ensino da leitura, os métodos científicos têm formas de abordagem que podem usar-se nas crianças para aumentar mais tarde o seu sucesso na aprendizagem da ciência na escola primária, isto é, podemos ensiná-las a entrar na ciência. (p. 18)

Como pontos positivos, foi-me apontado o facto de ter tido a capacidade de ter os alunos sempre comigo e de nunca os ter “perdido” e que realizei as atividade com muito dinamismo. Quer para a Educadora da turma, quer para a Supervisora da Prática Pedagógica, o melhor momento foi o referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, pois consegui conferir à história todo o encanto necessário, através da expressão facial e do tom de voz. O facto de ter contado a história em vez de a ler, serviu para prender a atenção dos alunos; a motivação resultou ainda da utilização de material reciclável para a construção de todos os personagens da história. De acordo com a Educadora, esta aula foi um bom exemplo de que não necessitamos de gastar muito dinheiro para construir material apelativo.

27 de setembro de 2012

O dia teve início com alguns alunos a serem chamados à lição de *Cartilha*, enquanto os restantes trabalhavam no Caderno de Escrita, escrevendo algarismos. Ainda da parte da manhã, a Educadora solicitou-me que desse uma aula de Cuisenaire.

Assim, depois de ter explorado com os alunos as características deste material matemático, solicitei a alguns alunos que construíssem a escada por ordem crescente, e outros por ordem decrescente. Perguntei a alguns alunos quantos degraus teriam de subir ou descer se estivessem num determinado degrau e se quisessem ir para outro. Por fim, realizei com as crianças o jogo dos comboios, e solicitei que representassem no quadro o respetivo cálculo.

Da parte da tarde, os alunos realizaram propostas de trabalho no Domínio da Matemática, propostas essas que envolveram a pintura de determinado número de imagens e a descoberta de caminhos. Por fim, tiveram a possibilidade de brincar com plasticina ou de desenhar.

Fundamentação teórica e inferências

Numa tentativa de explorar e desenvolver a **Expressão Plástica**, é de extrema importância que as crianças em idade Pré-Escolar tenham a possibilidade de contactar com a maior variedade de materiais, sejam eles destinados à pintura e ao desenho mas também à modelagem.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, a modelagem acrescenta à “expressão plástica a duas dimensões [...] as possibilidades tridimensionais” (Ministério da Educação, 1997, p. 63). Assim, “a modelagem pode utilizar materiais diversos como a areia molhada até aos mais consistentes como o barro, de preferência, mas também a plasticina”.

28 de setembro de 2012

Antes de irem para a aula de Educação Física, uma das Supervisoras da Prática Pedagógica solicitou-me que desse uma aula utilizando o livro *O Gato Marau e a sua cartola*. Ao ler a história, recorri a inflexões de voz e à minha expressão corporal e sempre que os alunos colocavam uma dúvida sobre alguma palavra, procurei esclarecê-los. Depois de ler a história, coloquei num quadro magnético a expressão “O gato marau”, com letras móveis, e perguntei a alguns alunos quais as letras por eles conhecidas. Por

fim, pedi a uma criança que construísse um ditongo com as vogais disponíveis mas que terminasse em “u”.

Enquanto estive na reunião com a Educadora da turma e com a Supervisora da Prática Pedagógica, os alunos tiveram aula de Educação Física e de Inglês. Da parte da tarde, os alunos realizaram uma proposta de trabalho que consistia em pintar duas imagens de chapéus e realizar o grafismo do número dois.

Depois da Assembleia de Turma, onde é feito o balanço do comportamento semanal dos alunos, as crianças estiveram na biblioteca e na sala de computadores.

Fundamentação teórica e inferências

As **reuniões da Prática Pedagógica** permitem-nos refletir sobre o nosso desempenho, tendo sempre em vista o nosso crescimento enquanto futuros docentes e permitem-nos igualmente realizar a nossa avaliação. Considero, por isso, fulcral a presença das Supervisoras de Estágio nos Jardins-Escola onde estagiamos. De acordo com Alves (2002, p 139), tanto o estágio com a avaliação contribuem para “orientar o aluno no sentido do desenvolvimento de processos que contribuam para um papel mais activo e autónomo na avaliação da sua aprendizagem”.

1 de outubro de 2012

Na manhã desta segunda-feira houve a habitual lição de *Cartilha*. Assim, enquanto alguns alunos foram chamados à Lição de *Cartilha*, outros realizaram propostas de trabalho que consistiam no desenho de grafismos e na pintura de imagens de acordo com as indicações dadas.

A Educadora da turma planeou para a tarde deste dia a realização de operações de soma (algoritmo da adição). Cada criança dispunha de uma placa e de algarismos móveis. A realização desta proposta teve por base uma história, criada pela Educadora, em que se fez referência a queques que tinham sido feitos por ela no dia anterior. As crianças foram solicitadas a realizar o algoritmo da adição com base nesta história.

Fundamentação teórica e inferências

O **algoritmo da adição** tem determinados pressupostos. Para Ruas e Grosso (2002), “o algoritmo da adição obedece às seguintes regras:

- os números a adicionar colocam-se por cima uns dos outros, de modo que fiquem na mesma coluna os algarismos das mesmas ordens.
- faz-se um traço na horizontal de forma a separar as parcelas do resultado (soma) e coloca-se o sinal da operação (+) sobre esse traço, à esquerda da última parcela.
- a adição é feita ordem a ordem, começando na menor ordem e os resultados vão-se colocando abaixo do traço.
- sempre que a soma dos valores dos algarismos correspondentes à mesma ordem for superior a nove, escreve-se apenas o algarismo das unidades, acrescentando as dezenas à coluna imediata, ou seja *transportando-o* para a ordem seguinte. (p.76).

Na atividade proposta no Domínio da Matemática, a Educadora explicou aos seus alunos estes procedimentos e eles tiveram a possibilidade de ir acompanhando as explicações utilizando algarismos móveis.

2 de outubro de 2012

Neste dia, as crianças de ambas as turmas do Bibe Azul realizaram uma visita de estudo à Tapada de Mafra. Para além de realizarem um passeio de comboio pelo local, onde tiveram a possibilidade de ver javalis, veados e gamos, as crianças participaram num jogo que consistia na utilização de quatro dos cinco sentidos (visão, audição, tato e olfato) para descobrirem a Tapada de Mafra.

3 de outubro de 2012

Antes da aula de Educação Física, algumas crianças foram chamadas por pequenos grupos à Lição de *Cartilha*, enquanto os restantes treinavam a escrita no caderno destinado para esse efeito – o Caderno de Escrita. Após o almoço, a Educadora leu dois livros, um deles trazido por uma das crianças, intitulado *O Smurf Astronauta*, e

outro da sua coleção intitulado *Atchumm! O guia completo das boas maneiras* de Mij Kelly.

Depois de as crianças terminarem propostas de trabalho que se encontravam incompletas, foi tempo da aula de Expressão Plástica. Os alunos pintaram um desenho com uma vaca e colaram bolinhas feitas com papel de seda colorido. A Educadora pediu-me ajuda para arrumar os trabalhos realizados pelas crianças nos seus respetivos dossiers.

Fundamentação teórica e inferências

Segundo as Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a **Expressão Plástica** “enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo” (Ministério da Educação, 1997; p. 62). Paralelamente, as propostas de trabalho elaboradas no âmbito da Expressão Plástica – tal como a acima mencionada – implicam o conhecimento de determinadas regras, tais como “o cuidado com os materiais e a responsabilização pelo material colectivo, bem como o respeito pelo trabalho dos outros” (Ministério da Educação, 1997, p. 62).

PARTE II
PLANIFICAÇÕES

Neste capítulo exponho algumas fundamentações teóricas relativas à planificação e apresento três planificações que elaborei no decorrer do meu Estágio Profissional, que serão contextualizadas e fundamentadas cientificamente.

Estas planificações são baseadas no modelo proposto por Martiniano Pérez, intitulado modelo T de aprendizagem, modelo este que é o adotado em todos os Jardins-Escolas João de Deus.

1. Fundamentação teórica

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, planejar “é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades” (Ministério da Educação, 1997, p. 26). A planificação do processo educativo deverá ser elaborada “de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social” (p. 26). Neste documento é ainda referido que as situações de aprendizagem planeadas pelo educador devem ser “suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só” (p. 26).

Vários são os autores que se debruçam sobre o tema da planificação. Segundo Ribeiro (1898) através da planificação:

[...] identifica-se o que se pretende atingir (os objetivos de aprendizagem), concebe-se o processo de chegar até lá (os métodos, meios e materiais) e, finalmente, a maneira de saber se se conseguiu, ou não, o pretendido (tipos e instrumentos de avaliação. (p. 21)

Outro dos autores que, ao longo das suas pesquisas, aborda a questão da importância da planificação é Zabalza (2000, p. 47), para quem planificar se traduz na

conversão de “uma ideia ou um propósito num curso de ação”. Segundo Arends (1995, p. 44), “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor”. Escudero (1982), citado por Zabalza (2000), afirma que ao planificar estamos a prever

[...] possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp.47 e 48)

Clark e Peterson (s.d.), mencionados igualmente por Zabalza (2000, p. 48), referem-se a dois distintos pontos de vista no tratamento das planificações realizadas pelos docentes. Um deles assume a planificação como uma atividade mental do professor, enquanto o outro vê a planificação como algo mais extenso, uma vez que engloba o caminho escolhido pelo docente ao desenvolver a planificação.

Zabalza (2000) afirma ainda que no processo de planificação poderemos encontrar:

- um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como *apoio concetual e de justificação* do que se decide;
- um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a *direção* a seguir;
- uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa *estratégia de procedimento* que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p. 48)

Para além da importância que a planificação tem para o Educador e Professor, podemos igualmente distinguir os motivos que levam os profissionais da educação a planear. Deste modo, e segundo Clark e Yinger (1979), citados por Zabalza (2000, pp. 48 e 49) as razões para se planificar podem ser agrupadas em três categorias. Um delas prende-se com planificar para satisfação de necessidades pessoais (tais como a redução da ansiedade e da incerteza) e para definição de uma orientação que transmita confiança e segurança. Na segunda categoria insere-se a planificação para determinar os objetivos a alcançar, tendo em conta os conteúdos, materiais, atividades e distribuição do tempo. Por fim, pode ainda planificar-se tendo em conta o desenvolvimento de estratégias de atuação, tais como a organização dos alunos, o início das atividades e os marcos que servem de referência para a avaliação.

Existem determinados pontos a que os docentes dão mais atenção quando planificam. Zabalza (2000, p. 54) refere-se a Peterson, Marx e Clark (1978), que indicam os aspetos a que os professores dão especial relevância aquando da realização das suas planificações. Assim, estes autores apuraram que os professores dedicam grande parte do tempo de planificação na decisão dos conteúdos a abordar, seguindo-se a preparação das estratégias e atividades a realizar. Aos objetivos os professores dedicam um escasso período de tempo.

Zabalza (2000, p. 54), citando Clark e Peterson (s.d.), destaca como principal papel da planificação o de “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino”. Ao planificar, o professor realiza uma reflexão sobre as suas ações. Assim, Dewey, referido por Zeichner (1993), definiu

[...] três atitudes necessárias para a ação reflexiva. A primeira, a abertura de espírito, refere-se ao desejo ativo de se ouvir mais do que uma única opinião, de se atender a possíveis alternativas e de se admitir a possibilidade de erro, mesmo naquilo em que se acredita com mais força. (p. 18)

Já “a segunda atitude, de responsabilidade, implica a ponderação cuidadosa das consequências de uma determinada ação. Os professores responsáveis perguntam-se porque estão a fazer o que fazem” (p. 19). A terceira e última atitude “necessária à reflexão é a sinceridade. Ou seja, a abertura de espírito e a responsabilidade devem ser as componentes centrais da vida do professor reflexivo, que tem de ser responsável pela sua própria aprendizagem” (p. 19). Zeichner (1993) elucida-nos sobre o termo ensino reflexivo, como sendo a capacidade do professor criticar e desenvolver “as suas teorias práticas à medida que refletem sozinhos e em conjunto na acção e sobre ela, acerca do seu ensino e das condições sociais que modelam as suas experiências de ensino” (p. 22).

No processo de planificação didática está presente, de acordo com Zabalza (2000), não só o pensamento do professor, como as condutas, os “passos que se vão dando” (p. 48). Na verdade, o processo de planificação não é realizado apenas pelo professor (direcionada para a sua turma): ela é também realizada pela escola (direcionada para o conjunto).

Em Portugal, existem dois documentos que servem de apoio à organização e gestão do currículo, são eles o Projeto Curricular de Estabelecimento/ Escola e o Projeto Curricular de Grupo/ Turma. O primeiro, de acordo com a Circular n.º 17/2007, é um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo

ao contexto de cada estabelecimento/ escola ou de Agrupamento e integrado no respetivo Projeto Educativo”. Por outro lado, o Projeto Curricular de Grupo/ Turma é um “documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projeto Curricular de Estabelecimento/ Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/ turma”.

A par da planificação, surge o conceito de currículo que é igualmente definido por alguns autores. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), o currículo surge como um “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objetivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover” (p. 51).

Na legislação portuguesa, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, “o currículo em educação de infância é concebido e desenvolvido pelo educador através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares com vista à construção de aprendizagens integradas” (p. 1).

Pérez (s/d) define currículo como “uma seleção cultural, cujos elementos fundamentais são capacidades – destrezas e valores – atitudes, conteúdos e métodos/ procedimentos”. Por outro lado, e de acordo com este autor, o desenho curricular “implica a seleção dos ditos elementos e uma planificação adequada dos mesmos para levá-los para as aulas” (p. 7). Pérez afirma ainda que “o desenho curricular de aula consta de programações ou planificações largas (um curso ou ano escolar) e curtas (mínimo três, máximo seis por ano ou curso). Deste modo, o currículo sequencia-se e temporaliza-se na aula e na sala de classe” (p. 39).

Pérez distingue dois tipos de planificação, a planificação larga e as programações curtas (planificações). No que diz respeito à programação ou planificação larga, esta obedece a determinados passos, são eles: a avaliação inicial, o modelo T de área ou disciplina, os modelos T de unidade de aprendizagem (bloco de conteúdo) e a avaliação de objetivos (formativa). De acordo com Pérez (s/d), na avaliação inicial são indicados conceitos prévios que se identificam “de uma maneira organizada como formas de saber, tendo em conta que um conceito implica a compreensão adequada” (p. 39). Estes conceitos são fundamentais para a progressão numa determinada área. Na avaliação inicial, são referidas as destrezas básicas que se concretizam “em formas de fazer” (p.

39). Para este autor, os conceitos prévios, a par das destrezas básicas “estruturam-se numa imagem visual” que surge como a representação mental. (p. 39).

Outro dos passos a ter em conta na programação ou planificação larga trata-se do modelo T, de área ou disciplina, que engloba as capacidades – destrezas, os valores – atitudes, os conteúdos (conhecimento) e os métodos/ procedimentos. Assim, as capacidades – destrezas, indicam os objetivos principais cognitivos que nos propomos desenvolver, enquanto os valores – atitudes, demonstram os objetivos afetivos a desenvolver. Os conteúdos (conhecimentos) apresentam-se em blocos temáticos, enquanto os métodos/ procedimentos surgem como formas de fazer.

De acordo com Pérez (s/d) “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p. 40). Este modelo designa-se modelo T “por que tem forma de T ou modelo duplo T, porque consta de um T de meios (conteúdos e métodos/ procedimentos) e outro T de objetivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes)” (p. 40).

Na planificação larga, as unidades de aprendizagem desenvolvem-se detalhadamente do seguinte modo: título do Modelo T de unidade de aprendizagem e temporização, identificação dos objetivos fundamentais em forma de capacidades – destrezas e valores – atitudes e identificação dos meios para atingir os objetivos. Neste tipo de planificação deverá ser feita a avaliação dos objetivos (formativa).

Para além da planificação larga, Pérez (s/d, p. 41) define ainda as programações (planificações) curtas de unidade de aprendizagem Assim, estas desenvolvem o Modelo T de unidade de aprendizagem, pelo que o “título e a temporização são os mesmos”. Nestas planificações são definidos os objetivos fundamentais por capacidades – destrezas e valores – atitudes, a par dos conteúdos significativos e das atividades como estratégias de aprendizagem. Neste tipo de planificação deverá ainda ser feita uma avaliação por objetivos (por capacidades) de conteúdos e métodos/ procedimentos.

Para elaboração dos planos de aula, apresento, a seguir, os quadros 7 e 8, retirados de Pérez (s.d), a partir dos quais me basearei.

Quadro 7. Capacidades e Destrezas

Capacidades/ Destrezas	
<p>Expressão escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ortografia - Regras ortográficas - Caligrafia - Elaboração de textos - Redação correta <p>Expressão oral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura compreensiva - Fluidez mental - Agilidade de expressão <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo - Vocalização - Entoação - Uso da voz <p>Compreender</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisar - Interpretar - Comparar - Simbolizar - Conhecer - Relacionar <ul style="list-style-type: none"> - Avaliar - Sistematizar - Classificar - Identificar <p>Orientação espacial</p> <ul style="list-style-type: none"> - Situar - Ordenar - Interpretar - Localizar - Referenciar - Representar 	<p>Relacionar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer - Associar - Distinguir - Memorizar <p>Observação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisar - Identificar - Descobrir - Concluir - Investigar - Procurar - Aferir <p>Participar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Iniciativa - Saber escutar - Improvisação - Trabalho em grupo <ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Curiosidade <p>Experimentar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manipular - Observar - Concluir - Indagar <p>Raciocínio lógico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Classificar - Resolver problemas <ul style="list-style-type: none"> - Diferenciar - Representar oralmente <ul style="list-style-type: none"> - Precisão conceitual - Sistematizar dados - Avaliar informação

Quadro 8. Valores e Atitudes

Valores/ Atitudes	
<p>Convivência</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação - Colaboração - Humildade - Entreaajuda - Partilhar <p>Solidariedade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cuidado - Apreço - Aceitação - Ajuda - Respeitar - Altruísmo - Compromisso - Apoio - Tolerar - Partilhar <p>Criatividade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar - Explorar - Ser original - Iniciativa - Interpretar - Representar - Inventar <p>Orientação espacial</p> <ul style="list-style-type: none"> - Situar - Ordenar - Interpretar - Localizar - Referenciar - Representar 	<p>Responsabilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Autonomia - Cooperação - Esforço <p>Tolerância</p> <ul style="list-style-type: none"> - Flexibilidade - Consideração - Valorização - Apoio mútuo - Saber escutar - Ceder <p>Rigor</p> <ul style="list-style-type: none"> - Precisão - Interesse - Curiosidade - Expressão clara <p>Respeito</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atender - Tolerar - Aceitar - Conviver - Seriedade - Escutar - Pôr-se no lugar do outro <p>Raciocínio lógico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Classificar - Resolver problemas - Diferenciar - Representar oralmente - Precisão concetual - Sistematizar dados - Avaliar informação

2. Planificações fundamentadas

Passo a apresentar os planos de aula por mim elaborados, um deles para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita para os alunos do Bibe Amarelo, outro para a Área de Conhecimento do Mundo realizado para os alunos do Bibe Encarnado e outro para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática para os alunos do Bibe Azul. Será também feita a fundamentação teórica de cada aula.

2.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 9. Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação –
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<p>Jardim-Escola João de Deus dos Olivais</p>	
<p>Bibe Amarelo B 3 de fevereiro de 2012 Duração: 20 minutos</p>	<p>Nádia Passarinho MEPE - n.º 4</p>
<p>Plano de aula Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	
<p>Conteúdos Conceptuais</p>	<p>Procedimentos / Métodos</p>
<p>Estimulação da Leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças no chão por filas; • Contar a história “João e o Pé de Feijão”, recorrendo à utilização de fantoches; • Conversar sobre a história que acabaram de ouvir.
<p>Capacidades – Destrezas</p>	<p>Valores – Atitudes</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> - observar; - interpretar; • Orientação espaço-temporal: <ul style="list-style-type: none"> - noção de tempo; - reconhecer. 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> - interessado. • Tolerância: <ul style="list-style-type: none"> - bom ouvinte
<p>Material : Fantocheiro e fantoches das 8 personagens (João, a mãe, o gigante, o homem, a criada, a vaca, a galinha, o feijoeiro) e do espaço (castelo).</p>	
<p>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</p>	

Fundamentação teórica e inferências

Nesta aula, tive como principal objetivo dar a conhecer aos alunos a história tradicional “João e o Pé de Feijão”, recorrendo à utilização de fantoches.

Optei por sentar as crianças no tapete, por filas, uma vez que, segundo Arends (1995), “a forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções” (p. 94). Ainda de acordo com este autor, “uma variante no arranjo em filas e colunas é a formação em filas horizontais na qual os alunos se sentam muito perto uns dos outros num número reduzido de filas. Este arranjo é útil para as demonstrações, porque os alunos se sentam muito perto do professor” (p. 94).

A história do “João e o Pé de Feijão” é um conto tradicional. Ora os contos tradicionais são, sem sombra de dúvidas, elementos culturais que contribuem para a “formação da personalidade da criança” (Bastos, 1999, p. 68). De acordo com Jean (citado por Bastos, 1999):

[...] os contos, o maravilhoso agradam, divertem, «dão a ver», instruem em todos os sentidos destas palavras e, se é necessário saber ouvi-los e saber dizê-los, reconheçamos também que eles abrem igualmente «as veredas e as estradas» da leitura literária, muito simplesmente. (p. 74)

Segundo Diniz (1993), “o conto de expressão oral (...) além de divertir a criança e de desenvolver a sua imaginação, proporciona-lhe experiências que a vão pôr em contacto com os seus problemas reais” (p. 55). Esta autora salienta ainda a importância que o conto tem para as crianças no fornecimento de “modelos para os seus conflitos do momento” (p. 55). Apesar de os contos de expressão oral ensinarem aos mais novos pouco sobre a sociedade, é através deles que as crianças podem “aprender mais sobre os problemas interiores do ser humano” (p. 56).

Estes contos assumem especial relevância para a criança, pois “falam-lhe dos seus conflitos interiores e sugerem-lhe exemplos de soluções, quer temporárias quer permanentes. Mostram à criança que a luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, mas que é possível ultrapassá-las” (Diniz, 1993, p. 56). Ainda de acordo com esta autora, “o conto dá aos medos da criança, que são confusos e mal delimitados, uma representação precisa e circunscrita. Dá-lhes um nome. Ensina-lhe a maneira de lidar com eles” (p. 58).

Atendendo às observações feitas por Diniz (1993), podemos afirmar que a criança encontrará a segurança de que necessita

[...] e sentido para a vida, quando tiver entendido e resolvido problemas pessoais por conta própria e não por eles lhe terem sido explicados por outros. O prazer de ler virá na continuidade do prazer desta cumplicidade fantasmática com o «bom» adulto que lhe contou o conto. (p. 59)

Magalhães (2008) afirma que, “quanto mais tempo [as crianças] passam a escutar histórias, mais favorecido é o treino da concentração” (p. 63). Por outro lado, e ainda para esta autora, ouvir contar ou ler este tipo de contos “pode ajudar a construir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas (literárias ou não) (p. 63). Crianças entre os 3 e os 6 anos de idade, que, desde cedo, oiçam contos, “percebem o enredo – o que lhes dá segurança e torna a audição de histórias um acto gostoso; habitua-se a conviver com, e a apreender, noções como personagem, acção, espaço e tempo” (p. 63), motivo pelo qual se torna imprescindível que oiçam este tipo de histórias. Também Traça (1992) afirma que “os contos representam um importante papel na iniciação literária das crianças, que começa por ser feita através da mediação oral muito antes de a criança aprender a ler” (p. 116). Ainda para esta autora, “através dos contos pode nascer nas crianças o gosto da leitura pela leitura. Os contos abrem caminhos da leitura literária” (p.119).

Costa e Baganha (1989, p. 37) afirmam ser “evidente que o fantoche, embora sendo um objeto inanimado, torna-se alguém. É esta grande ilusão que o fantoche provoca, quer naquele que o manipula, quer naquele que o vê viver”. Foi, então, neste sentido, que optei por utilizar este material que facilita “a expressão e a comunicação através de «um outro», servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (Ministério da Educação, 1997, p. 60).

Segundo as duas autoras acima citadas, a relação entre o fantoche e quem o manipula “só consegue ser mantida se o manipulador sentir que mais alguém para além de si, também a vive” (Costa e Baganha, 1989, p. 39). Por outro lado, o manipulador, através do fantoche, “conta-se, revela-se, diz-se”. Em suma, “porque é alguém, porque é ‘gente’, pode ser alvo das mais variadas projeções e identificações, tornando-se, assim, expressão de um forte desejo de ser”.

Conforme descrevi na aula deste dia, as crianças reagiram bem aos comentários posteriores ao ato de contar a história: cada pergunta que fiz teve resposta.

Por último, resta-me dizer que esta foi uma aula produtiva. Na reunião que se segue às aulas dadas pelas estagiárias, foi dito que a minha aula foi bastante positiva, na medida em que consegui captar a atenção das crianças, não só através da história contada com recurso aos fantoches, mas também deixando que, já no âmbito da aula da Área de Conhecimento do Mundo, os alunos tocassem no feijoeiro, contribuindo para uma melhor compreensão do tema.

O facto de ter conseguido realizar um pequeno trabalho de grupo com crianças desta idade foi também um dos pontos positivos apontados à minha aula.

2.2. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

Quadro 10. Plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Bibe Encarnado B
4 de novembro de 2011
Duração: 20 minutos

Nádia Passarinho
MEPE - n.º 4

Plano de aula Área de Conhecimento do Mundo

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
A audição	<ul style="list-style-type: none">• Sentar as crianças em roda;• Explicar a diferença entre ouvido e orelha, som e ruído, intensidade, ritmo e duração;• Realizar atividades (contagens, sequências) onde o sentido da audição seja fundamental, com o recurso a instrumentos musicais feitos de material reciclado.
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none">- observar;- aplicar.• Expressão oral e escrita:<ul style="list-style-type: none">- compreensão;- interpretação.	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none">- empenhado;- interessado.• Criatividade:<ul style="list-style-type: none">- curiosidade;- desinibido.
Material: Instrumentos musicais (maraca, castanholas e reco-reco), saco, cd de música e rádio.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

Fundamentação teórica e inferências

Esta aula teve como tema um dos sentidos – a audição. Optei por sentar as crianças em roda, permitindo assim que, após as explicações dadas, todos tivessem a possibilidade de se observar e sentir-se parte do grupo.

Considerei fundamental explicar a diferença entre ouvido e orelha, uma vez que esta é uma dúvida recorrente, assim como a diferença entre som e ruído, a par da noção de intensidade, ritmo e duração. Considerei ainda essencial que todas as crianças tivessem o seu instrumento musical pois a aprendizagem através da experimentação é fundamental.

Tendo em conta o modo como os alunos se encontravam sentados, solicitei-lhes que realizassem determinadas atividades. Estas envolveram contagens e sequências com os instrumentos musicais (que tinham sido construídos com material reciclado e que haviam sido distribuídos anteriormente). O que pretendi com esta aula foi utilizar a audição dos alunos como base para a realização das atividades.

Nesta exploração do tema da Área de Conhecimento do Mundo, quis que os alunos dissessem e pensassem a partir das suas experiências. De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “a criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas sobre o «mundo», já construiu algumas ideias sobre as relações com os outros, o mundo natural e construído pelo homem, como se usam e manipulam objetos” (Ministério da Educação, 1997, p. 79). Assim, se bem que a audição seja um sentido que usam tão naturalmente e desde sempre, pareceu-me importante trabalhar este sentido da audição a partir da experimentação de instrumentos musicais, conduzindo a conversa para os conhecimentos das vivências dos alunos.

Durante a exploração dos diferentes instrumentos musicais, como relatei acima, as instruções que dei às crianças foram as seguintes: “só as meninas, só os meninos, só as maracas, todos, etc.”. Ora, autocriticando-me, recordo que eu própria, fazendo uma inferência sobre uma aula a que assisti (referente a 7 de outubro de 2011) tinha referido quanto me parecia ilógico e contraproducente que a Educadora dividisse a turma por género. Quando lecionei esta aula da Área de Conhecimento do Mundo, fui eu própria a fazer a mesma solicitação por género.

2.3. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

Quadro 11. Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

<p>Jardim-Escola João de Deus da Estrela</p>	
<p>Bibe Azul A 24 de setembro de 2012 Duração: 20 minutos</p>	<p>Nádia Passarinho MEPE - n.º 4</p>
<p>Plano de aula Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática</p>	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
<p>Noção de quantidade; Combinações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças nos respetivos lugares das mesas; • Construir a mobília de quarto com o 3.º e 4.º Dons de Froebel; • Realizar exercícios de cálculo mental; • Efetuar as combinações possíveis com as peças de roupa disponíveis (dois pares de calças e três camisas) e colá-las numa proposta de trabalho.
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> - comparar; - aplicar. • Classificação: <ul style="list-style-type: none"> - selecionar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> - cumprir. • Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - escutar; - compreender.
<p>Material : 3.º e 4.º Dons de Froebel e conjunto de imagens para cada um dos alunos.</p>	
<p>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</p>	

Fundamentação teórica e inferências

Realizei esta proposta na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática com as crianças, consciente de que “o desenvolvimento do raciocínio lógico supõe ainda a oportunidade de encontrar e estabelecer padrões, ou seja, formar sequências que têm regras lógicas subjacentes” (Ministério da Educação, 1997, p. 74).

Para trabalhar com os alunos a noção de quantidade e as combinações, recorri aos 3.º e 4.º Dons de Froebel. Para além da construção, pretendi igualmente que as crianças efetuassem raciocínios matemáticos partindo de uma história. Isto porque, e de acordo com Caldeira (2009):

[...] é mais apelativo para criança estar a ouvir uma história em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo sejam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p. 255)

A utilização deste material matemático (os Dons de Froebel) é fundamental, uma vez que permite à criança adquirir “noções básicas para o desenvolvimento da matemática: quantidade, situações problemáticas” (Caldeira, 2009,p. 267). Associado ao 3.º e 4.º Dons de Froebel, estão também regras de manuseamento e de postura do aluno (já referidas a propósito da aula de 16 de fevereiro de 2012).

Assim, no início da minha aula, fiz questão de relembrar essas mesmas regras, tendo em vista o correto manuseamento deste material matemático. Caldeira (2009) considera que “o aspecto lúdico e o jogo estão presentes nas actividades com os calculadores multibásicos, cuisenaire, dons de Froebel, blocos lógicos” (p. 38). Esta relação entre a matemática e o jogo é defendida por diversos autores, “pois é neste período que as crianças devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca” (p. 46).

Ao utilizar imagens de peças de roupa, na abordagem ao Domínio da Matemática, pretendi que as crianças adquirissem noções de lateralidade e de estruturação espacial, através da manipulação de materiais. Todas as crianças dispunham de um conjunto de imagens correspondentes a peças de roupa, de diferentes cores, que teriam de combinar. Neste sentido, considerei pertinente a utilização deste material. Como afirma Caldeira (2009, p. 35), “os materiais manipulativos poderão ser mediadores num contexto de

significação, num ambiente motivador de sala de aula, em que através de diversas actividades proporcionem a compreensão matemática”.

Após ter dado a minha aula, a Educadora fez a apreciação da mesma. Como aspetos a melhorar, salientou o facto de não ter solicitado a ajuda de um dos alunos para ir colocando no quadro as imagens em ponto grande das peças de roupa que utilizei para realizar combinações. No que diz respeito à construção da mobília de quarto com estes Dons, alertou-me para que deveria ter lembrado quais os elementos que a compõem (cama, mesas de cabeceira, cómoda e roupeiro). Dessa forma, teria conseguido que todos os alunos realizassem a construção autonomamente.

PARTE III

DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

O presente capítulo engloba não só a fundamentação teórica sobre a questão da avaliação, como também os dispositivos de avaliação referentes a três propostas de atividade, realizadas por mim ao longo do Estágio Profissional, e a respetiva fundamentação teórica.

As propostas de atividade reportam-se à Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, assim como à Área de Conhecimento do Mundo.

1. Fundamentação teórica

Vários foram os autores que se debruçaram sobre o tema da avaliação. Para Ferreira (2007):

[...] a avaliação é entendida não só como um processo externo ao ensino e à aprendizagem, que visa medir os resultados conseguidos pelos alunos em função de objetivos definidos previamente, mas como um processo integrado no ensino e na aprendizagem, realizado com o intuito de os regular. (p. 9)

Ribeiro (1989) considera que “para toda a operação planeada ser bem conseguida importa, por um lado, avaliar se está a decorrer como previsto e, por outro, averiguar se os resultados obtidos são, de facto, os pretendidos” (p. 5). Neste sentido, a avaliação surge como sendo “uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação” (p. 75). Este autor considera que “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções” (p. 75).

Rosales (1992) socorre-se de diversos autores para nos clarificar o processo de avaliação. Assim, citando Stufflebeam, diz-nos que a avaliação:

[...] é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, da planificação, da realização e do impacto de um objeto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidade e para promover a compreensão dos fenómenos implicados. (p. 24)

Já um outro autor, Stake, considera que “a avaliação deve estar ao serviço de professores, administradores, autores de currículo, legisladores” (p. 25). Eisner, igualmente citado por Rosales (1992), vê o professor como o especialista e a avaliação como “uma atividade eminentemente artística (...) que respeita estreitamente o desenvolvimento natural do ensino” aprofundando a situação em questão, tendo em vista a orientação na realização das atividades de avaliação” (p. 25). Ainda no que concerne a avaliação, Kemmis, citado por Rosales (1992), considera que a avaliação é o “processo de projetar, obter, conferir e organizar informações e argumentos que permitam, às pessoas e grupos interessados, participar no debate crítico sobre um programa específico” (p. 27). Por último, segundo Fernandez, citado, de novo, por Rosales (1992), a avaliação só é educativa “quando torna a pessoa mais consciente da realidade presente ou futura” (p. 29).

Ferreira (2007) distingue cinco funções essenciais da avaliação das aprendizagens. São elas: a função pedagógica, a social, a de controlo, a crítica e a de orientação. De acordo com este autor, a função pedagógica “é aquela que se torna mais visível, porque é através da avaliação que os alunos são hierarquizados em função do seu mérito e que se tomam decisões de certificação, ou não, dos mesmos” (p. 18). A função social exerce-se “pela função de certificação das aprendizagens feitas pelos alunos no processo de escolarização” (p.19), enquanto a função de controlo “da turma e do trabalho realizado por meio da avaliação é exercida pelos professores, que, de uma forma autoritária, pretendem, através dela, manter a ordem e estabelecer um clima favorável de trabalho” (p. 22). A função crítica consiste “na análise dos processos de avaliação e de desenvolvimento do currículo com vista à sua melhoria, por meio da auto-avaliação” (p. 22). Por último, a função de orientação do aluno centra-se nas escolhas que este “vai fazendo ao longo do seu percurso escolar, numa lógica de orientação vocacional” (p. 23).

Já para Rosales (1992), a avaliação apresenta três funções. A primeira prende-se com a recolha de informação, a segunda com a interpretação dessa mesma informação e, por fim, a adoção de decisões de aperfeiçoamento.

A Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, estabelece que “a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p. 1). Ainda segundo esta mesma Circular, na Educação Pré-Escolar, a avaliação possui uma dimensão formativa “desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando”. Deste modo, e de acordo com este documento, a avaliação formativa afirma-se como “um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo”. Observar continuamente os progressos de cada criança é a base para o processo de avaliação.

Ainda segundo essa mesma Circular, a avaliação tem um conjunto de finalidades, tais como a contribuição para adequar as práticas, as decisões e o planeamento das ações, assim como, partindo da observação, refletir sobre os efeitos dessas mesmas ações, tendo sempre em vista a evolução das aprendizagens. Paralelamente, a avaliação permite a recolha de dados, verificando a eficácia do que está definido no Programa Educativo Individual (PEI), promovendo a aprendizagem de cada criança, tendo em conta as suas competências. A avaliação deverá também envolver a criança na tomada de consciência do seu próprio desempenho. Por fim, a avaliação tem também como finalidade permitir ao educador conhecer a criança, desenvolvendo processos de reflexão com o auxílio de pais, e de outros profissionais, tendo como principal objetivo adequar o processo educativo.

Neste documento (Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril) são também definidos os princípios em que a avaliação assenta. Assim, um deles prende-se com o facto do processo de aprendizagem da criança ser algo total e contextualizado, assim como com a conformidade e concordância entre os processos de avaliação e o currículo. A avaliação tem como pressupostos a utilização de instrumentos de observação e registo de diversos tipos, bem como o carácter formativo. Aquando da avaliação, deve ter-se

também em conta a valorização da evolução da criança, a par da promoção de iguais oportunidades.

Nas *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), lemos que “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p. 27). Neste documento é ainda referido que “a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador” (p. 27). A avaliação surge, então, como sustentáculo do planeamento, na medida em que possibilita ao educador, através da reflexão, “estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança” (p. 27).

O professor tem à sua disposição três tipos de avaliação: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Um dos tipos de avaliação é a diagnóstica que “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes” (Ribeiro, 1989, p. 79).

No início do ano letivo, o Educador de Infância deverá realizar uma avaliação diagnóstica que tem como principal objetivo conhecer e caracterizar cada criança, assim como o grupo. Ou seja, esta avaliação visa apurar o que os alunos sabem e quais as suas necessidades com vista ao desenvolvimento do projeto curricular de grupo. Este tipo de avaliação poderá ser realizado em qualquer altura ao longo do ano letivo (Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril).

Segundo Ferreira (2007) a avaliação diagnóstica consiste “em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem” (p. 24). Este autor refere também:

[...] é através da avaliação diagnóstica que se conhece, o melhor possível, as características dos alunos da turma, no que respeita aos antecedentes que lhe permitam iniciar a aprendizagem, criando as condições necessárias à planificação do processo de ensino-aprendizagem pelo professor. (p. 25)

No que diz respeito à avaliação formativa, esta:

[...] ocorre durante o processo de ensino-aprendizagem, com a recolha contínua de informações qualitativas/ descritivas sobre os processos de ensino e de aprendizagem, e visa a informação e a adequação contínua das estratégias e das atividades aos percursos de aprendizagem de cada aluno, numa perspetiva de ensino individualizado. (p. 30)

Já a avaliação sumativa, para este autor, “exprime-se quantitativamente, pela atribuição de uma nota num determinado ponto da escala de classificação adotada formalmente” (p 30).

As razões mais comuns para justificar a avaliação prendem-se com a necessidade de classificar ou escalonar os alunos, possibilitando assim a sua progressão. A avaliação visa ainda orientar a progressão, facilitando as opções dos estudantes, permitindo também diagnosticar falhas, deixando em aberto a possibilidade dos alunos retificarem os seus erros. Avaliar dá ao Educador um feedback sobre o modo como ensina e permite motivar os alunos, ao mesmo tempo que fornece estatísticas. A avaliação possibilita a gradação dos alunos, assim como a atribuição de uma classificação final enriquece a diversidade da experiência de aprendizagem dos alunos (Brown *et. al.*, 2000, pp. 30-32).

A avaliação das atividades por mim apresentadas será feita através da seguinte escala (Escala de Likert) de avaliação:

Quadro 12. Escala de Likert

Fraco	0 – 2,9
Insuficiente	3 – 4,9
Suficiente	5 – 6,9
Bom	7 – 8,9
Muito Bom	9 - 10

Observando o quadro 12 verifica-se o valor qualitativo e quantitativo que o aluno terá consoante a cotação que lhe for atribuída. Se na realização das propostas de atividade a criança obtiver um valor entre 0 e 2,9, terá uma classificação de fraco. Insuficiente será a classificação atribuída aos alunos que tiverem uma cotação entre 3 e 4,9. Se o seu desempenho se situar entre os 5 e os 6,9 terá uma classificação de Suficiente, enquanto que, se tiver entre 7 e 8,9, ser-lhe-á atribuída a classificação de Bom. O Muito Bom está reservado para as crianças que tiverem uma classificação entre 9 e 10.

2. Dispositivos de avaliação

2.1. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta proposta de atividade (v. Anexo 1) foi realizada na turma B do Bibe Azul, do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, no dia 25 de novembro de 2011, cujo relato de aula se encontra na Parte I.

Após a leitura da história *Eu sei tudo sobre o Natal*, de Aurélie Blanz, coleí no quadro a frase “A bola do Ivo” e solicitei aos alunos que ordenassem as letras que lhes tinha previamente distribuído, de forma a construírem a frase indicada. Posteriormente, teriam de a colar numa folha e realizar a respetiva ilustração.

Apresento a seguir o quadro com parâmetros, critérios e cotações da avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 13).

Quadro 13. Grelha de parâmetros, critérios e cotações (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Ordenação das letras na formação das palavras	Ordenou todas as letras corretamente	4	4 valores
	Ordenou entre cinco e nove letras corretamente	3	
	Ordenou entre uma e quatro letras corretamente	2	
	Ordenou todas as letras incorretamente	0	
Colagem das letras	Colou todas as letras corretamente	4	4 valores
	Colou entre cinco e nove letras corretamente	3	
	Colou entre uma e quatro letras corretamente	2	
	Colou todas as letras incorretamente	0	
Ilustração da frase	Ilustrou a frase	2	2 valores
	Não ilustrou a frase	0	
Total:		10 valores	

Com o primeiro parâmetro – ordenação das letras na formação das palavras -, pretendia-se que os alunos, através do exemplo exposto no quadro, ordenassem individualmente as letras, de forma a construir a frase “A bola do Ivo”.

A colagem das letras na folha de forma correta, surge como o segundo parâmetro. Com ele, visava-se retificar a ordem e, simultaneamente, a concentração e a destreza manual.

O facto de os alunos ilustrarem ou não a frase, de acordo com o enunciado escutado, constitui o terceiro e último parâmetro. Pensei que, com esta ilustração, os alunos poderiam demonstrar a compreensão da mesma, se desenhassem objectos ou figuras incluídas na história escutada.

Quadro 14. Grelha de avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

	Ordenação das letras na formação das palavras				Colagem das letras				Ilustração da frase		Total
	Ordenou todas as letras corretamente	Ordenou entre cinco e nove letras corretamente	Ordenou entre uma e quatro letras corretamente	Ordenou incorretamente todas as letras	Colou todas as letras corretamente	Colou entre cinco e nove letras corretamente	Colou entre uma e quatro letras corretamente	Colou todas as letras incorretamente	Ilustrou a frase de acordo com a história	Não ilustrou a frase de acordo com a história	
Alunos											
1	4				4				2		10
2	4				4				2		10
3	4				4				2		10
4	4				4				2		10
5	4				4				2		10
6	4				4				2		10
7	4				4				2		10
8	4				4				2		10
9	4				4				2		10
10	4				4				2		10
11	4				4				2		10
12	4				4				2		10
13	4				4				2		10
14		3				3			2		8
15	4				4				2		10
16	4				4				2		10
17	4				4				2		10
18	4				4				2		10
19	4				4				2		10
20	4				4				2		10
21	4				4				2		10
22		3				3			2		8
23		3				3			2		8
24	4				4				2		10
25	4				4				2		10
26		3				3			2		8

Conforme podemos verificar através da grelha apresentada (Quadro 14), a maioria dos alunos conseguiu concretizar a atividade proposta. Dos 26 alunos que realizaram a proposta de trabalho, 22 ordenaram todas as letras de modo correto, sendo que quatro deles ordenaram apenas algumas letras corretamente. No que diz respeito ao segundo parâmetro de avaliação – colagem das letras – a maioria colou as letras corretamente, havendo apenas 4 crianças que não colaram a totalidade das letras bem. Todos os alunos ilustraram a frase de acordo com o conteúdo dela. Assim, optaram por desenhar o menino (Ivo) ou a bola (ou mesmo ambos) ou, ainda, o Natal, simbolizado com uma árvore de natal ou o Pai Natal.

2.1.1. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

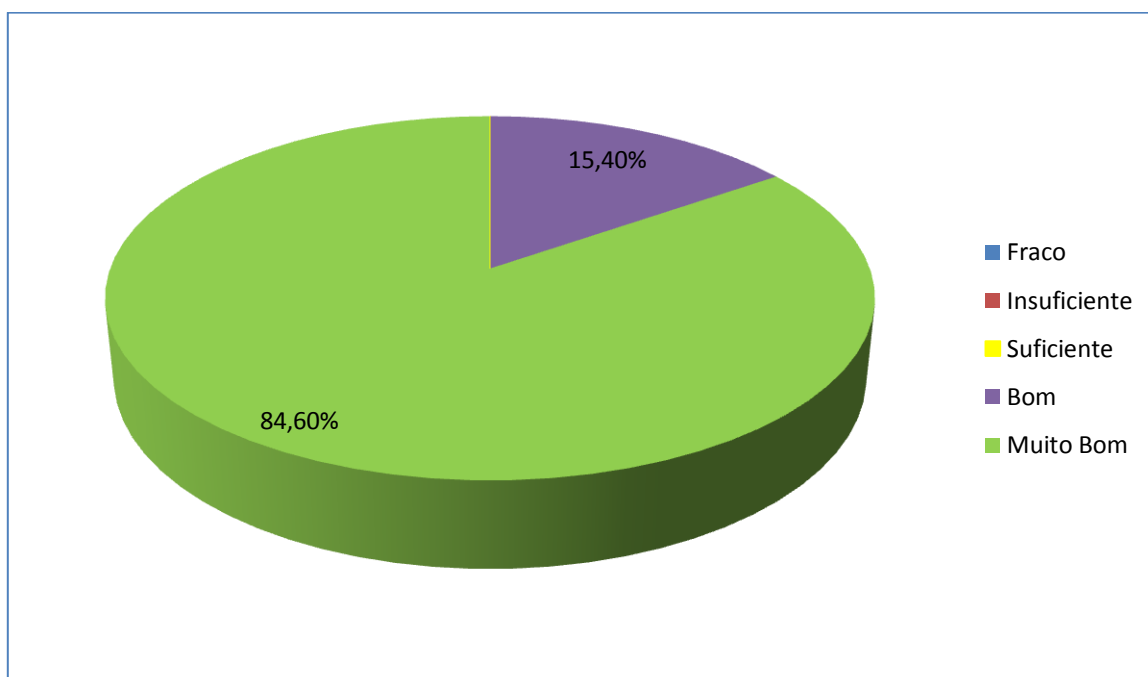


Figura 2 - Gráfico qualitativo e percentual (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Da análise da figura 2, podemos observar que não houve nenhum aluno cuja classificação tenha sido de Fraco, Insuficiente ou Suficiente. Muito Bom foi a classificação da maioria das crianças (84,6%), correspondendo a 22 crianças. As restantes 4 crianças (15,4%) obtiveram Bom nesta avaliação.

2.2. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

Esta proposta de atividade (v. Anexo 2) foi realizada na turma B do Bibe Azul, do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, no dia 25 de novembro de 2011, cuja aula foi descrita na Parte I.

Através de um pictograma representativo da quantidade de presentes embrulhados pelo Pai Natal ao longo de uma semana, os alunos teriam de responder às perguntas indicadas.

Apresento abaixo o quadro com parâmetros, critérios e cotações da avaliação desta atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática.

Quadro 15. Grelha de parâmetros, critérios e cotações
(Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática)

Parâmetros	Crítérios	Cotação	
Responder às questões	Respondeu corretamente a todas as questões	6	6 valores
	Respondeu corretamente a quatro questões	4	
	Respondeu corretamente a duas questões	2	
	Respondeu incorretamente a todas as questões	0	
Escrever os algarismos e letras	Escreveu corretamente todos os algarismos e letras	4	4 valores
	Escreveu corretamente alguns dos algarismos e letras	2	
	Escreveu incorretamente todos os algarismos e letras	0	
Total:		10 valores	

Com o primeiro parâmetro, pretendia-se que os alunos respondessem às questões colocadas, tendo em conta o pictograma representativo da quantidade de presentes embrulhados pelo Pai Natal durante uma semana.

Com o segundo, testava-se a correção de escrita de números e de letras, designadamente nos casos das respostas n.ºs 2 (“4.^a”) e 4 (“6.^a”).

Quadro 16. Grelha de avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

	Responder às questões				Escrever os algarismos e letras			Total
	Respondeu corretamente a todas as questões	Respondeu corretamente a quatro questões	Respondeu corretamente a duas questões	Respondeu incorretamente a todas as questões	Escreveu corretamente todos os algarismos e letras	Escreveu corretamente alguns dos algarismos e letras	Escreveu incorretamente todos os algarismos e letras	
Alunos								
1	6				4			10
2	6					2		8
3	6				4			10
4	6					2		8
5	6				4			10
6	6				4			10
7	6				4			10
8	6					2		8
9	6				4			10
10	6					2		8
11	6					2		8
12	6				4			10
13		4				2		6
14	6				4			10
15	6					2		8
16	6					2		8
17	6				4			10
18	6					2		8
19	6					2		8
20	6				4			10
21	6					2		8
22	6				4			10
23	6				4			10
24		4				2		6
25	6					2		8
26	6					2		8

Através da grelha de correção apresentada anteriormente (quadro 16), podemos constatar que, dos 26 alunos que realizaram a proposta de trabalho, 24 responderam corretamente a todas as questões, enquanto dois deles responderam acertadamente a quatro questões. No que diz respeito ao segundo parâmetro, 12 crianças escreveram corretamente todos os algarismos e letras, enquanto 14 escreveram corretamente alguns algarismos e letras.

Saliento que, sendo um exercício complexo e que exige muita concentração, na altura do preenchimento desta ficha, fui ajudando as crianças (por exemplo, sempre que escreviam os números em espelho, chamava a atenção e eles corrigiam).

2.2.1. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

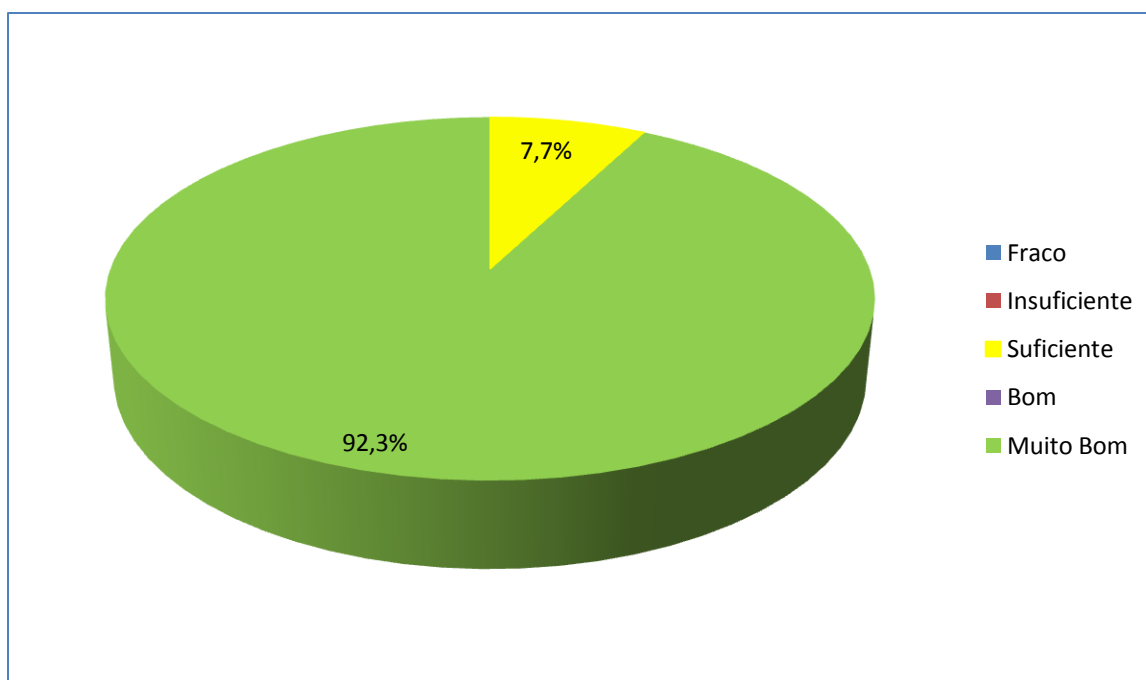


Figura 3 - Gráfico qualitativo e percentual (Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática)

Ao observarmos a figura 3, concluímos que nenhum aluno obteve classificação de Fraco ou Insuficiente. Vinte e quatro crianças (92,3%) obtiveram classificação de Muito Bom, sendo que duas (7,7%) tiveram Suficiente nesta avaliação.

2.3. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

Esta proposta de atividade foi realizada na turma A do Bibe Azul, do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, no dia 24 de Setembro de 2012, cujo relato de aula foi feito na Parte I.

Na primeira pergunta, os alunos teriam de circundar a imagem representativa do local do corpo humano onde se encontram os pulmões. Na segunda questão, teriam de encontrar, entre quatro imagens, a correspondente à representação dos pulmões e pintá-la.

De seguida, apresento o quadro com parâmetros, critérios e cotações da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo.

Quadro 17. Grelha de parâmetros, critérios e cotações (Área de Conhecimento do Mundo)

Parâmetros	Crítérios	Cotação	
Circundar a imagem	Circundou a imagem correta	5	5 valores
	Circundou a imagem incorreta	0	
Pintar a imagem	Pintou a imagem correta	5	5 valores
	Pintou a imagem incorreta	0	
Total:	10 valores		

Com o primeiro parâmetro, pretendia-se que as crianças circundassem a imagem que corresponde à representação do local do nosso corpo onde se encontram os pulmões. O segundo parâmetro, implicava a pintura da imagem correta alusiva aos pulmões.

Quadro 18. Grelha de avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

	Circundar a imagem		Pintar a imagem		Total
	Circundou a imagem correta	Circundou a imagem incorreta	Pintou a imagem correta	Pintou a imagem incorreta	
Alunos					
1	5			0	5
2	5		5		10
3	5		5		10
4	5		5		10
5	5			0	5
6	5		5		10
7	5			0	5
8	5		5		10
9	5		5		10
10	5		5		10
11	5		5		10
12	5		5		10
13	5		5		10
14	5		5		10
15	5		5		10
16	5		5		10
17	5		5		10
18	5		5		10
19	5		5		10
20	5		5		10
21	5		5		10
22	5		5		10
23	5			0	5
24	5		5		10
25	5			0	5
26	5		5		10
27	5		5		10
28	5		5		10
29	5		5		10

Através da grelha de correção apresentada acima (quadro 18), podemos constatar que, dos 29 alunos que realizaram a proposta de trabalho, todos circundaram a imagem correta relativa à localização dos pulmões no corpo. No que diz respeito ao segundo parâmetro (pintar os pulmões), 24 das crianças pintaram a imagem correta, enquanto que as restantes cinco pintaram a imagem incorrecta (ou ppintaram tudo).

2.3.1. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

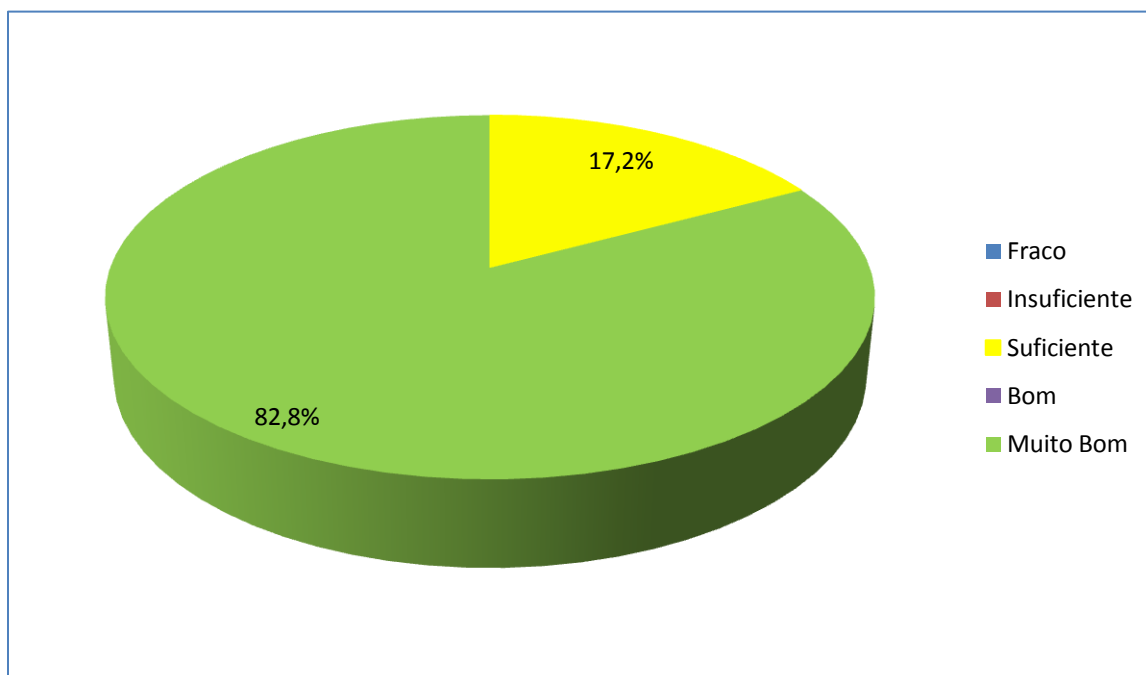


Figura 4 - Gráfico qualitativo e percentual (Área de Conhecimento do Mundo)

Ao observarmos a figura 4, podemos constatar que não houve nenhum aluno cuja classificação tenha sido de Fraco, Insuficiente ou Bom. Vinte e quatro crianças (82,8%) obtiveram classificação de Muito Bom, sendo que cinco delas (17,2,%) tiveram Suficiente nesta avaliação.

REFLEXÕES FINAIS

Nestas páginas finais, farei um balanço do trabalho desenvolvido no Estágio Profissional I e II. Apresentarei as minhas reflexões no que diz respeito à realização do Estágio Profissional e deste Relatório, as limitações com que me deparei, assim como as sugestões para pesquisas a efetuar futuramente.

O Estágio Profissional acompanhou a minha formação de futura docente e possibilitou-me contactar com as Supervisoras da Prática Pedagógica que, ao longo da licenciatura e mestrado, avaliaram o meu desempenho. Sem essa avaliação, tanto formativa como sumativa, ter-me-iam passado despercebidas muitas incorreções, que, alertada para elas, procurei corrigir, bem como atos e atitudes que, não sendo apreciados, provavelmente não teria dado por eles e insistido na sua reprodução. Assim, as sugestões, orientações e os comentários subsequentes às minhas aulas feitas quer pelas Educadoras quer pelas Supervisoras de Estágio foram determinantes para conseguir refletir sobre a minha experimentação de Prática Pedagógica.

Segundo Vieira (1993, p. 28), a supervisão é “uma atuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”. Podemos afirmar que a Prática Pedagógica, ao invés de ser independente do curso, deverá estar “nele integrada como o momento, por excelência, da integração de saberes e a ponte entre dois mundos que, no seu conjunto e nas suas interrelações [...]: o mundo da escola e o mundo da instituição de formação inicial” (Alarcão *et al.*, 1997, p. 9). Posso afirmar que, isso, no meu caso, aconteceu.

Para Formosinho (2001), a Prática Pedagógica, para além de surgir como um processo de formação pessoal, é igualmente um processo de avaliação das aprendizagens. A Prática Pedagógica é, para este autor,

[...] uma fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz. (p. 53)

Para além de assistir a aulas dadas por Educadoras, tive ainda a possibilidade de planear aulas para grupos de crianças entre os 3 e os 5 anos de idade. Estas aulas foram

fundamentais para a minha aprendizagem, pois considero que a prática é indispensável na área da educação.

Ao longo da realização deste Relatório de Estágio Profissional, confrontei-me com algumas situações menos agradáveis. Uma delas, a meu ver a mais incompreensível, prendeu-se com os horários da Biblioteca desta Escola Superior de Educação, pouco adequados a alunos que sejam trabalhadores-estudantes. Alia-se a este facto o de os horários estabelecidos, por vezes, não serem cumpridos, sem qualquer tipo de justificação (por exemplo, fechar da parte da tarde em véspera de feriado). Por outro lado, muitas vezes, os livros requisitados não foram devolvidos na data estipulada, o que condicionou a sua consulta.

Não compreendo ainda a razão pela qual as instalações (Biblioteca incluída) da Escola Superior de Educação João de Deus encerrarem nos meses de agosto e setembro às 18h00, e aos sábados, impossibilitando um aluno, sobretudo se for trabalhador-estudante, como é o meu caso, de poder aceder a livros disponíveis na Biblioteca ou, até mesmo, de se reunir com o seu orientador. Para ultrapassar este problema, uma vez que não existiam alternativas, a minha orientadora, gentilmente, aceitou a encontrar-se comigo em espaços exteriores à escola.

Em relação aos aspetos menos positivos ocorridos ao longo do meu Estágio Profissional, gostaria de referir os seguintes.

Foram-me solicitadas “aulas surpresa”, quer pelas Educadoras das turmas onde estagiei, quer pelas Supervisoras da Prática Pedagógica. Não considero que as mesmas tenham contribuído particularmente para a minha formação enquanto futura docente, ao contrário das aulas programadas, caracterizadas por se basearem numa planificação, realizadas de acordo com as características das crianças a que se destinam, e para as quais podíamos pedir a orientação e ajuda das Supervisoras de Estágio. No entanto, compreendo que o aspeto a avaliar neste tipo de aulas, que se prende com a capacidade de improvisação, seja importante do ponto de vista da avaliação. Como aluna, estas aulas foram-me menos agradáveis, pela insegurança que sentia e com o receio de poder cometer algum erro perturbador para as crianças.

De um modo geral, e no que se refere especificamente às aprendizagens que um Estágio Profissional nos permite, gostaria de assinalar que, mesmo tendo a possibilidade (fruto da minha condição de trabalhadora-estudante e, ainda, na sequência das semanas de compensação que fiz) de assistir a dias inteiros de aulas, houve algumas áreas

curriculares, definidas nos horários das turmas onde estagiei, a que nunca assisti – por exemplo, Cidadania, Formação Pessoal, Área de Projeto.

Alguns aspectos pontuais, de funcionamento, também me obrigaram a refletir. Na reta final, dei comigo a aperceber-me de alguns problemas pontuais. Dou um exemplo concreto: no Bibe Encarnado, turma que tem aulas no salão, têm mesas hexagonais. Esta circunstância leva a que algumas crianças fiquem de costas para a Educadora, bem como a que tenham dificuldade em seguir instruções de algumas construções e, sobretudo, muita dificuldade em resolver questões de lateralidade. Num dos Jardins-Escola, vi sempre os alunos do Pré-Escolar, após o almoço, passarem bastante tempo a ver filmes de desenhos animados. Pergunto-me se essa actividade não poderia ser substituída, pelo menos algumas vezes, por exemplo, pela leitura de um bom livro. Por último, nas minhas preocupações (que já tive oportunidade de revelar atrás) por uma educação sem diferenciação de géneros, interrogo-me sobre o porquê de se sentar as crianças sempre alternando menino e menina.

Estes aspectos, que aqui registo, não ensombraram todavia, e de modo algum, tudo o que de muito bom o meu Estágio Profissional I e II me proporcionou: a possibilidade de estar com crianças, de observar boas práticas educativas, de me sentir apoiada por profissionais experientes e de ter respostas a cada dúvida colocada. Espero poder levar para a minha futura prática profissional o que de melhor colhi nesses exemplos.

Sei que a actualização é fundamental e tenciono, sempre que possível e sempre no âmbito daquilo que me motivou – a Educação de Infância - continuar a fazer formação contínua nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I.; Freitas, C. V.; Ponte, J. P.; Alarcão, J. e Tavares, M. J. F. (1997). A formação de professores no Portugal de hoje. Documento de Trabalho do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Recuperado em 2012 setembro, 5. [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/97-Alarcao-Ponte\(CRUP\).rtf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/97-Alarcao-Ponte(CRUP).rtf)
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Alves, M. P. C. (2002). A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor. In Moreira, A. F. B e Macedo E. F. (eds). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora.
- Amaral, S. B. M. de. (2004). *Expressão Musical: significados e significantes – Perspetiva vivencial no Jardim de Infância*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bodgan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brown, S.; Race, P. e Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Canário, R. (2001). A prática profissional na formação de professores. In B. P. Campos (org.). *Formação profissional de professores de Ensino Superior* (vol. 1). Porto: Porto Editora; pp. 31-45.
- Cardona, M. J. (coord.) (2009). *Género, cidadania e intervenção educativa*. Lisboa: Ministério da Educação.

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de Outubro (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar).

Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de Abril (Avaliação na Educação Pré-Escolar).

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (5.ª ed.). Lisboa: A esfera dos livros.

Costa, I. e Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Porto: ASA.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.

Diniz, M. A. S. (1993). “A literatura de expressão oral”. In *As fadas não foram à escola*. Porto: ASA; pp. 45-75.

Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. (2001). A formação prática dos professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. *Revista Portuguesa de Formação de Professores*, 1 (37-54).

Gesell, A. (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Gordon, E.E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Grosso, C. e Ruas, M. B. (2000). *Matemática – estatística, combinatória e probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Korthagen, F. (2009). A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In M. A. Flores e A. M. V. Simão (ed.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contexto e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo; pp. 48-51.
- Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder”. In Otília Sousa e Adriana Cardoso (eds.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Martins, I. P. et al. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6* (brochura). Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta
- Pérez, M. R. (s/d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, P. C. (2010). Educação infantil e intervenção psicopedagógica «A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma Escola de sucesso». In *Educação para o desenvolvimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Gradiva.
- Reis, P. R. dos (2008). *Investigar e descobrir – actividades para a Educação em Ciência nas primeiras idades*. Chamusca, Portugal: Edições Cosmos.
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Riscado, L. (2002). Todos no sofá. *Malasartes* n.º 8. Abril; p. 22.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é refletir sobre o ensino*. Rio Tinto, Portugal: ASA.
- Ruas, M. B. (2002). *Números e operações aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. M. S. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Recuperado em 2012, junho, http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sherwood, E. A., Williams, R. A. e Rockwell, R. E. (1987). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Traça, M. E. (1992). *O fio da memória – Do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Veloso, R. M. e Riscado, L. (2001). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes* n.º 10. Dezembro; pp. 26-29.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto, Portugal: ASA.

ANEXOS

Anexo 1

Proposta de trabalho para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem
Oral e Abordagem à Escrita (Bibe Azul B, Olivais)

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

1 – Cola a frase na parte superior da folha.

2 – Ilustra a frase com um desenho relacionado com a história *Eu sei tudo sobre o Pai Natal..*

Anexo 2

Proposta de trabalho para a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática
(Bibe Azul B, Olivais)

Número de presentes embrulhados pelo Pai Natal durante uma semana

10							
9							
8							
7							
6							
5							
4							
3							
2							
1							
	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	Sábado	Domingo

Responde às seguintes questões:

1. Quantos presentes embrulhou o Pai Natal na 5.ª feira? _____
2. Qual foi o dia em que o Pai Natal embrulhou mais presentes? _____
3. Qual o número de presentes embrulhado na 2.ªfeira? _____
4. Em que dia da semana não foi embrulhado nenhum presente? _____
5. Qual a diferença entre o número de presentes embrulhados na 4.ª feira e na 3.ª feira? _____
6. Qual o número de presentes embrulhados no fim de semana? _____



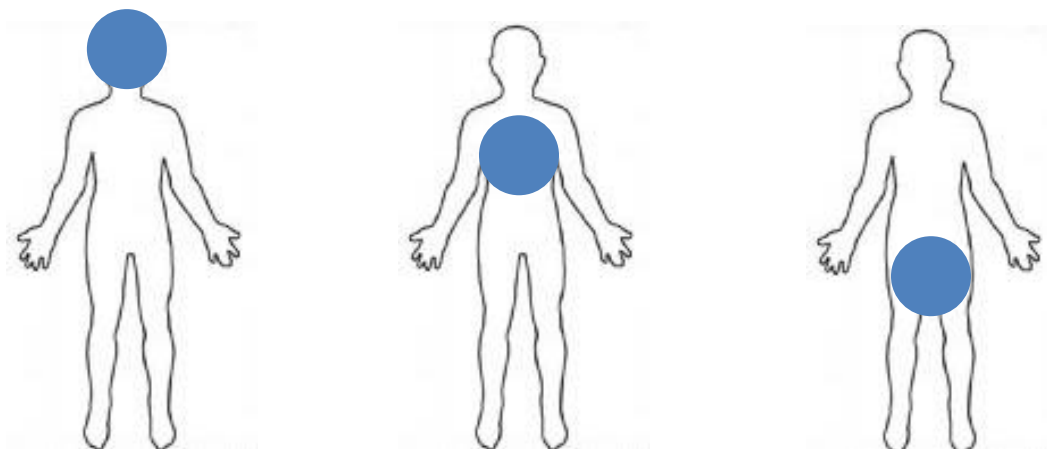
Anexo 3

Proposta de trabalho para a Área de Conhecimento do Mundo (Bibe Azul A, Estrela)

Jardim-Escola João de Deus – Estrela
Área de Conhecimento do Mundo

Nome: _____ Data: _____

1. Circunda a imagem que representa o local onde se encontram os pulmões.



1. Pinta a imagem correspondente à representação dos pulmões.

